Os Burros,

OU

O Reinudo da Sandice,

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO

EM SEIS CANTOS.

PARIS,

NA OFFICINA DE RIGNOUX,

RUA DES FRANCS-BOURGEOIS-S.-MICHEL.

M DCCC XXVII.

Os Burros,

OU

O Reinado da Sandice

Os Burros,

OU

O Reinado da Sandice;

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO

EN SEIS CANTOS.

Facit indignatio versum.
JUVENAL.

PARIS,

NA OFFICINA DE RIGNOUX,

RUA DES FRANCS-BOURGEOIS-S.-MICHEL.

M DCCC XXVII.

Prologo.

O Poeta que canta os Burros não tem imaginação assás forte para os descrever taes como elles são, nem um corno tam grande e tam retorcido com que póssa tirar sons dignos de tal raça.

A expressão *Burro* em Portuguez significa o *maximo de estupidez e baixeza* : não sei se a immensa quantidade que tem existido em Portugal d'estes quadrupedes, terá influído na organização humana, para que sejam hoje tantos Portuguezes transformados em Burros : O Brasil ao menos tem-nos dado uma prova da possibilidade d'isto com os seus macacos. É tradição e constante persuasão em Portugal, que certos homens expiam certos crimes, e cumprem certos fados, transformando-se em Burros, a que hoje se dá o nome de *Lobishomens;*

e que o unico modo de lhes acabar o fado, é feri-los, ou bem chicotá-los.

Estes contos, que se perdem na historia da Sociedade, vêem-se hoje entre nós mais que nunca verificados; com a differença, que outro tempo era um, ou outro Burro que de noite andava ornejando, chamando assim d'algum modo o soccorro, e a cura; mas hoje tem-se tornado uma molestia tam geral, que para lhes valer é preciso organizar um Corpo forte, e uma Sociedade para os zurzir e livra-los da doença; visto que, com os couces que dão junctos, nem conhecem o bem que se lhes quer fazer; nem se lhes póde valer, sendo poucos os charitativos que se acham isentos da molestia, e até muito mais difficil a cura, por se terem mettido n'isto os Touros Inglezes, que teem ciúme, que tornando-se os Burros outra vez gente, lhes sacudam algum dia o jugo.

Os Poetas Inglezes teem conhecido nos seus compatriotas um certo predominio para Touro; razão porque os teem des-

cripto em seus Poemas, ja como Touros, ja como Diabos: eisaqui porque Milton transformou no *Pandemonio* os Diabos, isto é os Touros, em Anãos: e os Francezes conhecendo igualmente o predominio de ligeireza, teem descripto os seus heroes ja como aves de rapina, ja como aves domesticas; e assim as outras Nações.

É constante hoje, que as nossas idéas véem todas pelos sentidos; e dos objectos com que lidâmos, e de que sômos cercados, véem as nossas propensões e habitos: que muito é pois que vivendo-se a cada momento em Portugal rodeados de Burros, se acabe por fim em o ser; e que o fado de *Lobishomem* seja mais geral!

Verdade é que ha entes que teem menos affinidade para esta especie, e que mais resistem a tal doença; eis porque em Portugal ha alguns que o não podem ser.

Do cruzar das raças proveem organizações originaes e mixtas; esta a razão

porque os Portuguezes, em quanto andam n'este fado, junctam á bestialidade o atrevimento; sendo elles os que fomentaram a maior intriga entre El Rei e seu Filho, matando aos couces o primeiro, quando cuidavam da-los no segundo: sendo tambem elles os que separaram o Brasil de Portugal; e emfim os que chamaram os Inglezes para os montar, entregando-lhes os fortes, e o reino: em uma palavra, esteja certo o Leitor que n'este Poema nada ha de exagerado, nem de ficticio; mas sim phenomenos e raridades, taes como Bêstas chapadas darem conta d'uma Monarchia, como sempre taes Bêstas deram.

Conhecido o remedio a tal molestia, faço votos os mais sinceros para que algum Magico appareça (como é tradição que ja houve outrora) para podêr livrar Portugal de tal peste.

Os Burros.

OU

O REINADO DA SANDICE.

CANTO PRIMEIRO.

A Visam.

Ó Zanga, ó Numen que em minha alma enternas
Fel em torrentes, que me inspiras versos
Que são do Crime, e da Impostura açoute,
Bafeja-me; aqui stou, que canto os Burros
Em que de Lysia Heroes mudados foram,
Dignos de alto cantor, dignos da forca,
Se mais azada a satyra não fôra
A conserva-los em perpétua infamia.

Homens, homens de bem não tenhais susto,
Que eu vil quadrilha de Pedreiros zurzo,
E impostores hypocritas e Aulicos
Que as lettras, a razão, e a Patria aviltam:
Somente é esta a burrical caterva.

Qual de tantos Heroes primeiro, ó Zanga,
Me mandas celebrar? Teu guincho escuto:
Pampelona immortal, s'vandija illustre
Tu que fizestes vezes mil de Judas,
E mil vezes da Patria o Deus trahiste;
Tu, que entregastes a Maccna o archote
P'ra a cinzas reduzir Portugal todo;
Tu, que outrora enforcado em statua sendo
Aos Burros, teus iguaes, junctar-te foste:
Tu, que á Patria voltando, escravisada,
Com Magistrados taes la deparaste,
Que ja tendo-te á morte condemnado,
Puro depois te acharam e innocente!
Tu que o largo trazeiro ao Rei beijavas,
Ao mesmo, que outro tempo, matar qu'rias;
Tu que até aquelles traiçoas-te
Que livrado te tinham do supplicio,
E que, primeiro Eunucho e Visir sendo,
Guerra entre o Pae e Filho suscitas-te,
Separando o Brasil de Portugal,
E Portugal de todo destruíndo;
Tu Burro es, e dos Infernos Burro.

Tambem tu Calhariz, malvada raça
Acharás o logar que te compete;

Tu pygmeu, mas manhoso e fodaz Burro,
Que Lysia a Albion, muito ha, vendeste
P'ra de Burras entreteres Serralho,
E á Paulina Palmella em París dares
Duzentos francos mil, suor dos Lusos.
Tu da casta es Burro damninho,
D'aquella casta a quem os Portuguezes
A cabeça tirar e pés dev'riam.
O Araujo Ministro, que, imitando-te,
Portugal aos Francezes entregara,
De Vienna ao Congresso te fez ir
Para la ostentares sabença e tretas
De a Amos dous servir ao mesmo tempo:
Tam voraz Burro sempre te mostraste,
Que do dono a ração jamais te aprouve.
Tambem tu, d'elle a par, seu digno ajoujo
Orang-outang disforme dom Domingos,
Que o titulo de Conde te encaixaram
Quando descabeçar-te so deviam:
Asno, aquem d'Albion as putas chamam
« Horrendo, çujo e porco sodomita »
Tu, depois d'a Franceza enxovalhares,
(Que ao basbaque marido o Padre emprenha)
Por mulher ao Cardoso a impingiste;
Tu, que com o teu célebre Tractado
Conta dos Lusos, e de tudo déstes;
Es Burro tam matreiro, e taes e tantos
Serviços, de forca dignos, has feito,
Que nunca em Lisboa e Rio te apanharam:

Bem pouco se te dá que a Patria chore;
Embaixador em Roma agora te achas,
Que em manhas mahometicas te iguala.
Toma logar aqui rasteiro Brainer,
Com os Lusos outrora suberbão;
Mas com os Francos humiliante Burro:
Tu, temendo que os Lusos te amanhassem,
Ao Rio practicar fostes baixezas;
Tam calejado e malhadiço stavas,
Que por mais de annos tres ao Paço foste
Esporadas soffrer, vergalho e arres,
Dos Lusos, dos Macacos mofa sendo.
Taes mataduras ascarosas tinhas,
Que até mesmo o Valença te fugia.
Vilezas taes fizestes la no Rio,
E tanto em Sancta-Cruz á pata andaste,
Que um velho e manhoso Burro obeteve
Ires do Papa a Roma o pe beijar,
E a borla e nedio cu aos Carbonarios:
Sendo pelo Asno trémulo depois
Ás Tuillerias representar mandado
Aquelle que mordeste e abocanhaste;
Porque sempre contrario aos Borbons foste!
Tal a condição é da Lusa gente,
Que os Burros que mais couces lhe disparam,
De regê-la somente encontrem dignos:
E tal do Luso Rei era a fraqueza,
Que o reino arruínou por inconstante,
Empregando os velhacos que o trahiam.

Em a classe primeira occuparás
Teu logar ó Silvestre ex-congregado,
Que Lysia reformar em Coimbra q'rias,
Mas que a não fugires para Setubal,
E de la (graças ao Grilo Anns, e á sucia)
No primeiro navio p'ra a Alemanha,
A merecida paga receberas.
Tu, o Burro ou chapado Asneirão es
Que tantas no Brasil patadas déstes
Que, a não ser do Principe a molleza,
Para a costa Africana te enviara.
Evitara-se assim co'a Irmandade
O Monarcha trahires e a Monarchia :
Porêm tal foi depois tua insolencia,
Que do reino, a final, te sacudiram.
Tu Candido, tambem, do Alveitar filho,
Major das duzias, que no campo dicto
De Marte, extra-portas de Grenoble,
Para melhor a Napoleão servires,
(Pois dous seitis de tactica não tinhas)
C'os soldados, Dulin (1) te misturava,
Obrigando-te á esquerda, e á direita
A dares voltas mil no exercicio.
Tanta raiva te tinha a Lusa tropa,
Que, em Wagram, no maior calor da briga,
De metralha te deu não poucos tiros,
De que trouxeste a perna escalavrada :
Mas tendo tu servido contra os Lusos,
Justo era, que elles ja feitos jumentos,

Governados por ti a ser viessem;
Pois a Burros so taes governar devem.
  Tambem tu porcalhão coronel Pêgo,
Que no assalto terrivel de Symólensko
O Luso batalhão sacrificaste;
Porêm como ahi perdeste o filho,
Te fez Napoleão Barão d'Imperio,
E com a cruz-da-honra te brindou,
Que agora mesmo em Portugal não largas:
Do hábito de Avis ao lado a trazes.
Pena é que de Wagram no conflicto
Não deixasses a ossada, mas valeu-te
Ficares guardando a ponte; que sem isso
Levaras c'os balazios no bandulho
Com que ha muito queriam premiar-te
Os teus mesmos soldados, em desforra
Das grandes arrochadas que lhe davas.
  Tu me pedes tambem logar primeiro
Arrumador da bispotada immunda
Do bellico Hospital roubado aos Frades
Dictos *Capachos*, ou *Seringas* dictos:
Tu da esquadria apostata perjuro
Abrantes Verspelle, heroe dos Burros,
Tu, que quizeste ja servindo os Francos
Os tristes Lusos albardar, e albardas;
Tu, que apenas largastes a sotaina
E a chave que na cinta te pendia
(Com que abrias a porta do convento
Aos nedios e vermelhos frades Bentos)

Logo com vis embustes em Coimbra
A Antonia padeira seduzistes,
E c'o suor das putas te formaste:
De uma que o capello te alcançou,
Com a tua pharmacia, cabo déstes.
Mais emfim c'uma torta te ajoujaste;
A qual, pouco te dá que o Guedes monte,
Comtantoque do pae dinheiro arranques.

Não me esqueço de ti, Lacerda, es Burro,
Burro malvado que o Algarve e o Porto
Com sordida cubiça rapinaste;
Porêm mais em Lisboa encheste a garra
Quando ao trédo Pamplona succedeste.

D'elle a par te colloco ó tu Barradas,
Que das Cannas-da-Quinta o Sultão es,
E dos Trolhas o insigne Gran' Mestre.
Mais apto a destruír que a edificar,
Á ruína da Patria cooperastes.

Tambem tu bonifrate Barbacena,
Que no *crachá* e fitas te embasbacas;
Tu automato vil e miseravel,
Que Boneco te arvoraram na intriga,
E que as ordens á risca executavas
Dos carrascos de Lysia, e teus Carrascos.

Mencionado tambem serás ó Tôrres,
Tu Burro alvar, té na figura Burro,
E Ministro dos Trolhas duas vezes,
Que da Patria nos últimos arrancos,
Em partilha c'os outros, não deixastes

De extorquir, para o filho, á viuva o officio.
Chefe dos Cornos, Lancerote primo,
Que para os lados todos couceavas,
E ás partes mui bem zurrar sabías;
C'o titulo de Conde te compraram,
Porque o sôldo augmentastes aos Ministros,
E a grau' commenda ao Pampelona déstes.
Tambem tu Burro e trémulo Saldanha,
Que do Principe Inglez a libré tinhas
Quando cabo de Lysia dar cuidavas;
O que sempre a final obetiveste.
Vicente Pedro teu logar me pedes,
Magro Investigador de antigos trapos,
Da triste inutil papelada ensossa,
Que a ti, e ao Abrantes enviavam
Da trolha e da esquadria heroes jumentos,
Seringadores da Vaccina immunda,
Do Bernardino, e do Baeta asneiras.
Não me apertes Acurcio, eu te conheço;
Vejo os volumes cinco; es Burro, es Burro:
Irás na récua em teu logar decente.
Responde ao teu rival, que la do Rio
O célebre General vingou das botas
De macio veludo, e a Academia
Na entrada do Junot mostra innocente, (2)
E ao corneo Foyos o panal empurra
Do acertado convite ao Socio digno
Dos Burros Academicos, quaes elle.
João Bernardo, o Bacharel ao canto

Dará princípio e fim, e outros o enfeite;
Nunca existiu na terra outro mais asno:
Com elle quiz Sandice em Lysia o reino
Fundar, qual vejo universal da Asneira;
E por prémio depois d'altos serviços
Elle, e infinitos mais, transforma em Burros.
Do patriota Lolé o genro e socio,
(Que escapou por milagre á justa paga
Que aquelle, por igual manha obtivera)
Do Patrão a pequena inda corrompe,
Adjudando-o a quadrilha dos Eunuchos
Lopes, Rendufe, Pamplona, Abrantes.
Um ja, quanto era obsceno, produzindo-lhe;
Outro, entretendo o pobre Pae com sustos:
Aquelle, viajens dictando á Outra-banda;
Aquell'outro, purgantes receitando;
E este, que no Pará Sultão ja fôra,
É hoje dos Mações o Polchinella,
E será para sempre o heroe dos Asnos.
Tal outrora se viu a potestade
Do desforme Priápo, quando expulso
De Lampesaque foi; porque lascivo
As femeas desflorava aos habitantes.
(Eterna infamia de meus versos foge,
Que até n'isto calar me manda a Zanga.)
Tu Gôsto, tu Razão, tu Amor da Patria
Sereis Mecenas de um Poema eterno.
Se tem Tamisa Dunciada e Popę,
Se o Sena tem Lutrins, tem Lysia os Burros,

Qual tenha mais dirá Posteridade.
Queixai-vos Asneirões que a perda é vossa,
Pois quer ser Lobo quem lhe veste a pelle.
Tinha acabado da venal tarefa
João Bernardo o Bacharel immundo;
Sôbre o bofete perfido empilhando
Os feitos vis, que o Rabula perjuro,
De nome o Simas, de instituto o Trolha,
Com chicana defende, e as partes rouba.
Do Escriptorio de Anaz dando c'o vulto
No conhecido Botequim das parras,
Que rege o chefe dos luminaristas,
Que pede terras e vermelhas fitas
Porque algum sebo c'os Bretões tem gasto;
Encheu de quente ponche as ermas tripas,
Ponche almôço, jantar, merenda e ceia,
Com que a rallada máchina sustenta,
Salvo se algum dos Jumentões seus socios,
Que as minas teem na banca aladroada,
E em dado certo de chumbinho prenhe,
Na tasca lhe vai dar chanfana immunda,
Humedecendo o esófago sedento
De azêdo carrascão medido a sette,
Com tarraçadas tres, rivaes de almude:
Tal lhe foi n'este dia o fado amigo.
Elle pagando aos socios lhes repete
Ao gentil Caracol, gentil Vimeiro,
C'o soneto Ananaz dés odes suas.
A voz, o gesto, a lettra emtôrno espalham

Frio succo de Egypcia dormideira.
Na subitanea lethargia involto
Deixa o Congresso o Bacharel, e foge;
E no centro da fetida posilga
Alcova, e sala, e gabinete, e tudo,
Vai c'os podres iazarentos membros.
Prende-lhe o somno enviezados olhos,
Onde em viva expressão lhe falla a asneira:
Respira, sorve o monco, e bufa, e ronca;
O peito arqueja como arqueja um folle;
Da verdenegra escancarada boca
As ensanchas dos beiços se alargaram,
Elles, e o pingo impertinente cobrem
A mal de pêllos povoada barba;
De reconcavas ventas atulhadas
De mormo, e de tabaco o compassado
Retornello infernal sahe de assobio,
Que sempre vem no fim, que sempre acaba
A cavatina do toante ronco.
Na semi-alma emtanto atrapalhada
C'os densos fumos do liquor sarrento
Mil confusas imagens se apresentam;
Inda que pouco mais com luz distincta
N'alma as conceba o vigilante Orate.
A imagem de um jantar pilhado a dente
Do Caes-da-lama na taberna escura,
A phantasia em nectares lhe banha;
Offerecida, casnal torrada
Com prazer se lhe antolha em manhã fria;

De simonte ou rapé pitada avulsa
As almejantes ventas lhe consola;
Como Cão que sonhando abóca a Lebre
Está dando no ar co'a tromba estalos.
De mais alto calibre ideias grandes
Succedem ao prazer da venta e tripa;
Surge-lhe n'alma o Botequim-das-Parras.
A Raiva em fórma de um Cação ja velho
Ante o Sandeu se mostra, a grenha hirsuta,
Com dous olhos de purpura e remela,
Com boca aberta e grande, os cantos cheios
De espuma verde-mar, co' as cordoveias
D'ambos os lados da guela inchadas;
Perfeita copia da feroz Megera.
  Em meio dos Caragos, la resurge
Em sonhos, (enviado por Silvestre)
O tolo Embaixador, que alli disputa
Altos planos, que so se dirigiam
(A fim de assegurar a paz ao mundo)
A entregar de Hespanha e Lysia os reinos
Ao engeitado filho do atroz Corso.
O Fernando Thomaz, Elle, Carvalho,
E Silvestre Pinheiro, e outros muitos
Gusmentos burricaes, talvez um dia
A Rêis subir podessem, retirando
Aos pannos dos Bretões os seus direitos,
Á manteiga, á batata, á graxa, á louça,
Anzoes das nossas requestadas peças,
Que de Lusos heroes fizeram tolos

Quando o maior dos Rêis que os thronos viram
Comprou com ellas Principaes a Roma,
Monsenhores, e Conegos, e a turba
Que com farta pinguissima mesada
Nutre inda agora ociosidade e putas.
Se menos ouro aos pontapés andasse,
Teria-mos nas mãos arado e lança,
Houvera Magalhães, Castro, Albuquerque,
Nenhum Futre cruzara a foz do Tejo
A dar lições de tactica e tarimba;
Nem rustico Bretão mettera as ventas
Na sala de um Govêrno. Ah! qu'inda a Aurora
Inda o berço do Sol c'o nome assusta!
Peças funestas, que sem tino demos
Por assobios, birimbaus, escovas,
Por ver um Urso c' um Macaco em cima.

Assim corria a noite, assim sonhando
Cosia o vinho o Bacharel Javardo,
Té que a luz da manhã desponte e rompa,
E penetrando o tecto esburacado
Com raio avivador desperte o alarve,
Saltar fazendo da moída enxêrga,
Onde insecto roaz tem couto eterno,
O chochino, e vestir camisa immunda,
Que nunca viu sabão, bemcomo a cara
Outra agua não viu mais que a do baptismo,
(Se acaso os paes que do Jordão vieram,
Netos de Barraz não se esqueceram
D'esta, no gran' naufragio, arca segura.)

Eisque quasi ao romper dos ceos a Aurora,
Quando nem toda luz, nem sombra toda
Do rocio do ceo se orvalha a terra,
Á phantasia do Sandeu se amostra
Um sempre seu, mas turbido phantasma;
Grenha empessada traz, denso o sobrôlho
Que os dous olhos estupidos lhe assombra;
O nariz achatado, as ventas largas,
A boca enorme e vasta, a lingua em prancha.
Treme o Javardo do phantasma á vista;
E da poída manta os descarnados
Sarnentos braços alongou, cuidando
Que afugentava o avejão medonho
Ja vertical á fetida posilga.
—« Não temas, filho, (lhe diz elle) attenta
N'este fucinho do Trigoso imagem,
Do meu ventre cahiste, em meu regaço,
Eu te acolhi contente, e tu pendeste
D'estas esguias asininas têtas.
Olha o charco, olha a barra onde apontaste
C'o a dura frente para o chão nascendo:
Sou tua mãe, sou teu brazão Sandice,
Tudo o que has visto em França é obra minha:
Surdo da França a renovar o mundo;
Eu puz no throno dos Borbons o Corso;
Trouxe á Hespanha José, e Aguias ao Tejo;
Eu prezidi na Convenção de Cintra;
Entre a prole infinita, e que eu na terra
D'este ventre vasei, tu te distingues

Illustre chefe, capataz dos tolos;
Não tem rival, nem similhante ha outro.
Nem o tolo Linhares comtigo hombreia,
Nem é mais asno do que tu Readufe.
Nem serão teus iguaes meus filhos gemeos
Loretto e Soledade, ambos Vicentes;
Nem Vicente o doctor mestre da turba,
Que de Platão Republicas sonhando,
A rapinante Grei chamara ao Tejo,
Que maldiz a fatal Septembrizada,
Que em vez de forca o conduzira ás Ilhas.
Vacilla o reino meu, vacilla ó filho;
Quasi aluidas as paredes vejo
Do gran' palacio que no Cahos tinha
Depois que o gran' Marquez chorado agora,
Em vida sua conhecido a poucos,
Deu preço ás lettras, aos cultores prémio,
De todo afugentou gothicas sombras,
Fez brilhante surgir philosophia;
La foi achar um Prebendado gordo
Dicto grande Vernei, que á Lusa terra
Da sapiencia a luz primeiro entorna:
Das leis ao labyrintho, á vil chicana
Fez succeder um Codigo sublime:
Era em logar de cálculo sábida
A taboada de Garrido apenas;
Abriu da Geometria o templo augusto,
Fez á terra patente a terra, o mundo;
As boas artes arrancou das sombras:

Do seiscentismo a lingua emporcalhada
Dos conceitos salvou com que um Tarouca
Um Ericeira, e Gorgorista corja
A mettêra no abysmo, ou nas secretas;
Indaque eu fôrça fiz por conserva-la
Na mesma Calda com Manuel de Souza,
C'o profundo Cenaculo dos Nadas.
Ja tinha dado avivador arranco
Do Monarcha maior que a terra vira,
(Se um pouco menos désse ás Sacristias)
Com Alexandre de Gusmão; Brochado
Do Cahos a tirou, faltou-lhe apenas
Saber um pouco basculhar Vieira.
Do Tibre a Arcadia se plantou no Tejo:
Carrapato Garção fetido e feio
Tirou do lodo a maga poesia,
D'aquelle lodo que é delicias minhas,
(No qual espero chafurdar de novo
So comtigo, e com Pato as musas todas)
Teve ingenho, mas pobre, e não de todo
Devera a rhyma desterrar de Lysia:
Da vulgar poesia é base ainda
Quando á lyra se ajuncta o som cadente,
Ou canta epica tuba os altos feitos
Do pacifico heroe, de heroe guerreiro.
Alguma cousa fez magro Basilio,
Poeta d'arte, natureza nada.
Deu leis á scena perfido e tyranno
De meninos um mestre, involto em sombra

Quaes costumam no Tejo os Genios raros
Sempre ignorados ser, sempre esquecidos;
Este é Pimenta, que nas tábuas punha
Nuas as Graças, natureza nua,
Quaes as poz Aristophanes, Menandro,
No Sena Molier, Goldoni em Adria:
Deu cabo de Solis, cabo de Lope,
E enterrou Calderon (filho d'esta alma!)
Surgiu (que dor!) um Quita, a quem talento
Fez grande sem doctrina e ensossas regras;
Entre pentes e sebo e cabelleiras
Seguiu de perto a natureza, e pôde
Sem vergonha segui-la, e sem rebuço,
De Moscho, e de Theocrito no idyllio,
(Sabendo apenas Portuguez o monstro!)
Reproduziu simplicidade ingenua;
No soneto seguiu sobrio e sisudo
Nobre conceito do epigramma grego,
Sem empolados emphasis d'aquelle,
Que o golpe pinta, que no Touro dera
Co' a espada Ferrabraz Conde da Tôrre,
Que co'a ponta cavando a terra, fórma
Na mesma terra ao Touro a sepultura:
Algum tom liberal guarda nos versos,
Parece que lhe cabem de facil veia.
O Tejo deve a Elpino de Nonacria
Reproduzido tom de versos limpos,
Que visos teem de siso, e de harmonia.
Com taes ideias, com sciencias d'estas

Tinha meu reino proclamado em Lysia.
Mas oh! que é este o seculo funesto
De um throno ora no ar, um throno em terra!
Sempre cuidei que a Pedreirada immensa
Que acarretara os Vandalos do Sena,
Mantivesse por seculos meu Solio!
Que do campo senhor fosse Pamplona,
E subalternos generaes do chefe
Palmellas e Patricios, Póvoas, trampa.
Sinto um dia importuno... acorda, filho!
Lettras em Portugal! Javardo, acorda:
Mette os hombros á empresa, em ti confio;
Meu reino vacillante em ti reponsa:
Té por instincto machinal es asno.
Toma o bastão de general dos tolos;
Fórma Estado Maior, Sultão (3) presida.
D'este Estado Maior depende tudo,
Te diz José Sebastião no livro
Feito por elle na fumosa Londres:
(Um so não vai la ter que auctor não seja :)
Todos a eito o Principe adorando,
Porque a vida tirar lhe não poderam.
Levanta-te Bernardo, e a turba ajuncta
Dos filhos meus, immensos e mimosos,
Escrevam todos, vivirei no Tejo,
Porção do Globo que me escapa em parte,
Pois nem todo o *celeste* Maçonismo
Inda pôde illustrar, provincias faltam;
Eu c'os Pedreiros meus um juz conservo

Á posse universal da terra toda,
Em ferros tive a Europa em sombra involta;
Ondequerque viver Canning, existo.
Eu fiz no mundo referver cabeças;
As bases abalei dos thronos todos;
Eu fiz sonhar Republicas sonhadas;
Côrtes convoquei ja, mas esvaíram-se;
Ainda as chamarei, não esmoreças.
Todo o Govêrno popular é trampa,
Pois todo vai cahir nas mãos de um tigre
Que entre canalha mais astuto surge.
O Meu filho Mably, meu filho Jacques,
O meu filho Raynal, da Europa a bola
De fumo encheram, de esperanças loucas;
Porque os maiores sabichões não pensam
Como esse Machacaz que em versos canta
Meus feitos immortaes, e os teus Javardo;
É da cabeça aos pés Republicano,
Mas qual fôra Pompeu, qual Tullio, ou Bruto,
Labieno e Catão, e os mais da sucia,
Que nenhum Bonaparte albardar pôde.
Para o padar de um Burro o mel não nasce;
Deixemos isto agora. Ajuncta os *sabios*
No gabinete do charoto e ponche,
Que ao Grande Eolo (4) os patriotas Burros
Entre tigellas consagrar costumam.
Onde os themas se dão, e as quadras surgem.
D'este meu ventre se escoaram todos,
E tu sahiste parto atravessado,

Mais tolo , e mais alvar : Bernardo acorda ,
C'os sabios delibera , eu vou comtigo. »
Disse, e desfez-se subito nos ares :
Esquecendo-lhe ainda o Padre Foyos ,
Atrás tornando lh'o mostrou na cella
Que traduzia Euripedes , e foi-se.
Rompendo a taipa da remela immunda
Abriu Bernardo esgaziados olhos ,
E viu raiar a luz , deixa assustado
A posilga hedionda , a manta , as pulgas ;
Encortiçados pés poz no sobrado ;
Um resto de camisa ao couro ajusta;
Atamancando nos quadris as calças ,
Enfia as vezes mil tombadas botas ;
Nos hombros com sentido , e mais nos braços
Encaixa pouco a pouco a porca e triste
Ja sem frisa subtil sobrecasaca ,
Ao penetrante frio escudo imbelle:
Mas inda assim na espinha , inda amostrava
Vivos signaes de antiga caldeirada ,
De chocas conservando a barra eterna;
Que é Bernardo o Sandeu trampa por fóra,
Como é n'alma o Sandeu trampa por dentro.
Da primeira pitada a caixa em lastro
Deixa logo ficar, sorveu d'um jacto;
Em grossos borbotões ja corre o pingo ,
Eis lhe accode co' a mão , suspende o fluxo ,
Outra vez o resorve : assim do Tejo
Na praia os cagalhões tornam , retornam

C'o contínuo vaivem das mansas ondas.
A tampa bacial poz na cabeça,
Chapeo de felpa pobre, e rico em sebo.
D'uma pernada so se poz na rua,
Sem soffrer dous jejuns miolo e tripa,
No conhecido botequim se enfia:
C'o corpo emporcalhou marmorea meza,
Todo n'ella encostando a tromba immunda:
Veio astuto José ja mestre em contas,
No lyceu dos Caurins doctor formado;
Ás ventas lhe arrumou torrada e copo;
Foi depois trabalhar c'o giz na porta,
Sem unico *P. G.* de riscos cheia;
Que inda até-agora nos cafés, na tasca
Não consta que o Sandeu ração pagasse.
Subitamente no porão da pança
O almoço inteiro o Jacareo sepulta,
Sem que movesse a burrical queixada,
De cujo motu treme o farto Izidro
Se alguma vez do jôgo a sucia o leva
A encher de mofo o bucho anachoreta
Onde nunca o fastio achou guarida.
Pilhou de um lado casual pitada,
Erma deixando a caixa ao dono absorto;
Na venta cavallar toda a sepulta,
Sorve os resquicios nos immundos dedos:
A perna escaletal cruzou na perna,
Inclinando o toutiço a barba encosta
No arcabouço do peito; os beiços quatro

Dos rizes soltos badanando ondeiam ,
Taes da Rozaura , Calceteira , e muitas
Que eu vejo andar, badanarão badanas.
N'esta attitude estupida e trombuda ,
Qual um Bezerro desmamado , fica
Co'a pança consolado o bruto immovel.
Baila-lhe emtanto nos miolos ocos
Da mãe Sandice o vulto atoleimado,
Na confusa memoria inda alguns restos
Revolvendo do estupido discurso
Que vezes tantas lhe lembrara em sonhos.
Cresce, que é tempo, dos Sandeus a turba,
Tam basto enxame de joguinho e copo :
Saúdam o Sandeu c' um viva ensosso ,
Como á toa se dão no caes os grossos
Do equilibrio europeu calculadores.
Fica Bernardo immovel como um corno ,
Qual é por dentro no juizo e n'alma.
Vai-se engrossando o fio, o assombro cresce
Na turba dos Sandeus vendo a viseira
Da venta primogenita cahida;
Embicam n'ella , e se lhe poem de roda.
Entra o gran' Bacalhau , doctor em nada ,
Que a tola filha empanzinar deixara
Em quanto o esposo, traductor de officios
No campo de Mercurio e Cornos brilha.
A cafila cresceu , o apito soa
Na escura estancia que chamar costuma
Os membros á Sessão , quando ha tigelias,

Todos embocam limiar sebento:
Vai após elles carrancudo e triste
Sandeu, cahida a beiça, onde almorreimas,
Ja cançada do cu, poz natureza.
São na tolice iguaes, e iguaes se assentam;
E de um lado da tabola redonda
N'um moxo raso se escondeu Javardo:
E com Jorge ou com Pedro, ergue-se o panno.
Quaes em Carthago os Tyrios, e os Troianos
Boqui-abertas estão, pendentes ficam
Todos da boca do velhaco Eneas
Quando á raínha Dido a arenga embute,
Em que elle mais que o *Monitor* mentia:
Taes em roda da banca os membros todos
Tesos estão, suspensos e direitos,
Como assestados do Sandeu nas ventas.
Elle então começou, dando co' a dextra
Sôbre a meza cambaia uma porrada:
— «Hides ouvir a Fox... *gentil* discurso...»
Uma risada universal se escuta
No exordio do Orador; pallido exclama:
«Então que é isto? É Serra, ou Luz em scena,
Ou sou eu a fallar? Arre, auditorio...
Se vocês estão bebados, eu deixo
Este excelso logar, podem cose-la;
Mas se querem ouvir-me então calada.»
A fôrça invicta de *eloquentes* vozes
Conteve a sôlta gargalhada em todos:
Elle então começou: — «Roncava ó socios

Na manta involto, no covil deitado;
Não foi ponche ou vinhaça, era a verdade,
A mãe commum me appareceu, Sandice;
Inda lhe escuto a voz n'estas orelhas!
Alheio de cuidar n'alta ventura
De ver a Deusa tutelar da Europa,
Vi aquelle avejão de boca aberta,
(Seu brazão, seu signal) gritando: — Acorda,
Eis em Lysia abala o imperio nosso;
Eis a fôrça da inercia, herança minha,
Quasi no Tejo reduzida a nada;
So me resta o Telegrapho, o Mercurio:
Se acaso morre o Sá, e espicha Acursio,
E se os tractados da Vaccina acabam,
Que me fica, Lambaz? a Academia?
Mas nem todos são meus quantos a formam,
Nem todos que a compoem agora escrevem
Memórias sôbre pesos e medidas,
Ou belidas em olhos de cavallo;
Nem todos fazem planos de batatas,
Nem todos querem dar feijões á tropa,
Nem todos buscam phrases de Quinhentos,
Nem todos Bentos são, ńem Frei Luis todos.
Tenho um corpo de exército potente,
Tenho Times, e tenho Morning-Chronicle;
Mas contos annuaes oitenta, custam;
Nem menos ao Palmella emporta a mecha,
Que os Jumentos de Lysia acham barata.
Combater é preciso, ó socios todos;

Tracta-se a nossa causa, a da Sandice:
Vem tarde, e muito tarde um Jalapeiro
Quando o Celtico humor no corpo é velho.
Obstemos todos ao fatal princípio;
Opponde á nova luz sandice e trevas,
Escrevei socios meus, eis a victoria;
Escrevei qual se escreve em França agora.
Venha o dia natal dos Jorges todos,
Ou legitimos sejam, ou bastardos (5):
Venha, qual Cesar pequenino, ao Tejo
O tam celebrado hoje, Jorge Canning,
Ou mesmo de Bronswick o Jorge quarto,
Que á America toda o jugo hão pôsto.
Conde, Barão, Marquez, Duque, Vaivode,
De leve fato, de trajos tam modesto,
Que o povo alvar cuidou que era Paizano
Afeito a ver os capitães da bicha.
Oh quanto o povo Portuguez é simples!
Se ha mais albardas n'este mundo, venham,
É digno d'ellas, porque não conhece
So no gesto e chapeo o heroe guerreiro.
Nem tu tornando, como espero, ó Abrantes,
Tubuciana Academia acima
Farás ir outra vez: Bivar honrado,
Se um voto menos te livrou da forca,
Não podeste evitar que em tôrno d'ella
(Porque abafava com calor o dia)
Não d'ésses vezes tres serena volta,
C'o pardo e liso couro ao sol patente,

Onde ingenuo igual teu Carrasco dicto
Descarregou sonora sapatada
Que o povo de prazer deixava absorto,
Pedindo ao ceo que a gargantilha tua
Se atasse nos paus tres, onde ondeante
Teu mascavado corpanzil ficasse!
  Aos rapazes o Couto ensina grego;
Compoz o Calhariz em francez versos;
Um mestre, outro ministro : em lettras ambos,
Inda menos que eu sou, iguaes a zero.
  Oh potente, oh fatal metromania!
Annes Barrasco, e sabichão pedante,
N'essa, que empinas, tonsurada bola,
Jamais ostentarás sciencia occulta
Em quanto a triste viúvez debaixo
D'esse corpo lambaz se refocilla.
De Tacito profundo as promettidas
Versões irás deixando ao fim do mundo.
  Qual do Salitre em carunchosa praça
Vemos o cão de filla inda açaimado,
Que pula e barafusta, e ja co' a boca
Dá dentadas em vão no Touro ao longe;
O Rolão preto por fallar ardendo
(Rabula infame, novelleiro infausto,
Do rapazio tragador lagarto,
Do Simas successor na banca e geito,
Que inda não sei porque da forca escapa)
Em quanto o heroe sandeu na barra esteve
Dava pulos de ca, mal suspendendo

A desinteria de palavras ocas;
O queixo em convulsões, a boca espuma,
Pedro de Souza (diz) poe-te a meu lado:
Se eu me vir afogado, e afogar todos
N'este diluvio atroador de vozes,
Que chega a preamar no sesso e boca;
Tu, Sandeu dos Sandeus, chefe e monarcha
Assalvajado Agamenão dos Asnos,
Eu Achilles serei; embora empunhes
O bastão de Jordão, eu tenho a espada.
Meu pae não foi Peleu, nem mãe foi Thetis;
Um frade foi Bernardo e uma Gallega
Que de geito pilhou na estrebaria:
Vê que se espera de tam nobre casta!
Eu comtigo darei das lettras cabo:
Na testa d'este exército potente.
Onde não levarei conquistas nossas?
O heroe maior que Scipião, que Cesar,
Não passou de Moscow, e eu so comtigo,
Os estandartes plantarei da Asneira
No Pólo Aquilonar, no Pólo opposto.
Da China ao Tibre, do Danubio a Java
Irei correndo, campião dos Tolos.
Padres Conscriptos, o meu voto é este:
Ás armas, Asneirões!...» E o fado escuro,
Que no mundo não quer gostos completos,
A Sessão perturbou, poz em fugida.
 Qual piquete de Tartaros Calmucos,
Qual do ferreo Cossaco o bando immundo,

Das altas tôrres de París bispado,
Cahe no Franco esquadrão, que um Duque leva
A passar o Hellesponto, e ir ter á Persia;
Que n'um momento a pantomima corja,
Largando trapos, espelhinhos, pentes,
E sem rabo deixando as sacras Aguias,
Vira de popa com ligeiras gambias:
De paizanos assim, e granadeiros,
C'o general de Villa-Franca á testa,
Cahiu na sala das Sessões a turba;
Á tabúa mandando os oradores.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO SEGUNDO.

A Viajem.

Em tanto a mãe Sandice oppressa e cheia
Do pêso enorme do voraz cuidado
De se ver de tal sorte perseguida,
E os planos seus de todos transtornados,
Com os quaes dar em Lysia leis contava,
E os Portuguezes reduzir a Burros;
Então, sem perder tempo, corajosa,
Nos cascos Burricaes volve o negocio.
Assim das Côrtes os conscriptos padres
De San' Carlos á ópera assistindo,
Todos a par do Rei empertigados,
Em o meio das danças e cantatas
Cuidam na patria, e no trampinha codigo,
Que um piparote lançará por terra,
Apenas um Infante em Lysia assome.
Deixa a posilga fetida ascorosa

Em que o Javardo estolido roncava;
Desenrola e sacode as pandas azas,
Dá dous pinchos no ar, pousa no Sena,
Da pedreirada, e d'ella asylo augusto.
Por toda a parte observa as obras suas,
(Em Moral, em política, em govêrno
Tudo que for Francez cheira a Sandice!)
E não se pôde ter que em gôsto immersa
E acocorando as nadegas não désse
Nas caldeiras, retortas e lambiques
Do mestre Vauquelin tamanho peido,
Que o o estampido lhe ouviu Pedro de Souza
No Tamisa, e no Tejo ouviu-lh'o Abrantes.
Um sal-fixo deixou nas ventas todas
Da Instituição Vaccinica, e seus Membros:
D'esta arte então desonerando o ventre
A quadro mais gostoso os olhos volve.
Das Tuillerias ao terraço eis voa:
E viu n'um canto a mãe de Bonaparte
Com tres velhos Abbés rezando as contas;
(Não ha sem devoção Puta ou Larapio!)
Deu no gôto á Sandice a Tartaruga,
E espremendo-se mais deu novo estoiro;
Nas salas rebombou do Paço augusto;
Cuidou que era um trovão tremendo a velha;
Bentos, por Fesch, e por Maury, dous cotos
A san' Napolcão devota accende;
Sancto que os Neris na Folhinha punham
Feito por elles so martyr no Egypto.

Novo estoiro do ventre então Sandice
Soltou gostosa, e revoou mais alto,
E de Mont-Mart nos Moinhos posta
Á vela o sesso poz; com trinta salvas
Os alliados ao congresso chama,
E a morada do filho de la vendo,
Logo para Pantin dirige o vôo,
E do Pamplona o tecto antigo busca,
Que pela *gyroeta* se distingue.
Ainda juncto á casa stava o campo
De brancos Malmequeres guarnecido
Onde elle e a cara esposa se entretinham
Quando ambos indecisos fluctuavam
Sôbre o que em Portugal fazer dev'riam.
Rumas e rumas de papel jaziam
Do vestibulo á entrada, virgens restos
Do rapsodio-jornal *Contemporaneo.*
Pela sala, em molduras se divisam
De todos os Borbons, as fieis cópias;
Mas pela inversa parte encaixes tinham
Que do Corso a familia resguardavam.
Tendo bem tudo a mãe Sandice visto,
E as despedidas ao livreiro feito,
Á rua de *la Paix* direita volta
Onde a Paulina do Palmella assiste,
E onde de Lysia se tractava a sorte.
Viu que em quanto nos braços da Bacchante
O torpe e curto satyro chaforda,
O Brito, e o eunucho Rademaker

O almôço aprompt avam na antecamera.
Contente ja com isto a mãe Sandice,
O cio Burrical expor não qu'rendo,
La para o novo Delphos s'encaminha
Aonde todos os Pascasios Lusos
A consultar accodem em cardume
Sôbre a materna lingua um Francez mouco.
Tal a desgraça é de Lysia hoje,
Que a um stranho, so porque é dos Trolhas,
Conselhos e avisos se demandam
Acerca do que bem saber se deve;
Ou aliás so a Lusos perguntar-se.
D'alli á praça Carousel se atira
Onde ve mais gentis, mais dignas scenas,
E onde um casarão medonho ve,
Onde outrora Barrás, Marat outrora
Republicanas maximas dictaram,
Que alto e malo, a granel, a eito, a rôdo
Mandavam n'outro tempo á Guilhotina.
Riu-se de ver a habitação mimosa
Onde ella ouvida foi, e onde traçara
Da morte, e da igualdade o plano excelso,
D'onde o Corso tirou modèlo exacto
Dos Duques, dos Barões, Principes, Condes;
Grande episodio da epopea eterna
Que Luciano fez, Nolasco extracta.
Vai ver ao Pantheon nacional os ossos
De Voltaire fallador, Jacques mijado,
Que os caboucos abrira, onde alicerces

Teve eterna Republica sonhada,
Onde Fabricios sos, e ingenuos Curios,
Quaes Danton, quaes Barrere, e o Corso outrora
As redeas *suavissimas* tiveram,
Dos olhos da Sandice objectos dignos!
Conhece em tanta asneira as obras suas;
De prazer se mijou, limpa-se e voa,
E no Instituto nacional se chimpa:
Este o bairro mimoso á corja eterna
Dos qu'inda dictos são Niveladores:
Genios senhores das cabeças ocas,
Que d'Eva antiga aos filhos desditosos
Promettiam salvar da sombra espessa
Da escravidão dos Rêis, duros tyrannos,
E a todos darem Bonaparte o *justo*:
Genios sublimes das nações ou mestres,
Cujo maciço corpo, e unida fôrça
Da terra inda afugenta honra e virtude.
N'uma caverna escura, onde inda a furto
Nem cala a luz do sol, nem brilha o dia,
Onde apenas do tecto humido e triste
Lanterna quasi moribunda pende,
Morada os Genios teem que o mundo infestam.
D'alli vão de tropel varrer do Globo
Os debeis restos de sciencia e pejo:
Vampiro ou Diabão maior que todos,
E mais cornudo que os que Milton senta
Na Sala grande, Pandemonio dicta;
(Do Ariosto Bretão lembrança digna!)

Tinha o fucinho chato, as ventas fundas,
A pelle côr de cal, chavelhos tortos,
Sôbre os cornos a prumo, alta e pontuda
Se eleva esguia carapuça ou mitra
Igual áquella que empalmara outrora
Do Diogo Manique o substituto,
Que o chocolate atroz sepulta em Mafra:
Quando agarrando o Hippolyto espiolha
Da Confraria Pedreiral as opas,
Vestimenta, avantal, luvas e trolha,
Ou tralhoada das visagens pêcas,
Que em Lojas treze sustentou Lisboa
Co'a Loja mãe no pedreiral Mosteiro
Dos *exemplares* Conegos Regrantes.
Bem no fundo da lobrega caverna
Sentado está n'um throno de Argamassa,
D'onde inspira o nivel qu'inda não viram
Senão na Guilhotina os homens livres,
D'onde deu cabo da mesquinha Europa,
E d'onde encheu de papelões o Tejo,
Que sem estranha protecção assentam,
Que não póde existir, ou viver Lysia.
Dando co'a indústria nacional em terra,
E embutindo o diaphano panninho,
E chale a tres vintens, passado um anno
Té da Estrella o zimborio em troca levam
Quando la virem que nos fica em cofre
Papel e patacões de cobre immundo;
Dando leis onde outrora as leis dictara

Com honra o Luso, e com valor ao mundo,
Mettendo um corno pela boca dentro.
Aos sisudos Varões da Patria amigos,
Que se finam de zanga ao ver patifes
Impando de Patrões no Barco alheio:
D'onde do Abrantes veio a repostinha
Dada de boca ao Lobo na gaiola,
(Oh memoria de mais!) e impressa outrora
No Jornal impostor dos dous carrascos,
Que á muito tempo a paciencia ao mundo
Com papeis velhos e sediços rallam;
Jornal, que no Rio outrora, ás nuvens ia,
Pescando uma pensão dada a velhacos
Executores da rapina Corsa,
Por nove mezes ordens espalhando
Do General em Chefe á boca cheia.

Do monstro na caverna, aos pés estava
Fouché de Nantes com punhal na dextra,
Que os direitos da furia, e da canalha
Com tanto sangue sustentou na terra.
Á mão direita cabisbaixo tinha
Cabeçudo Sieyes, macaco infame,
Que com planos e calculos furados
A Bonaparte abrira a estrada ao throno.
N'um mocho raso de cortiça podre
Dos Publicistas se assentava o Genio:
Philantropica gente, oca e farfante,
Cujo miôlo referveu co' a lenda
Do Social-Contracto escuro tanto

Como a *Carta* burrical do Canning.
O Genio Gazetal sentado estava
N'um sophá de papel, mentira e lixo,
Da boca lhe sahia loucura e phrases,
De que atulhadas vão cabeças ocas,
Que d'este Globo os Botequins entulham,
Que tu Caes-do-Sodré ves em cardumes
De tarde, e de manhã, de noite e sempre
Pender contínuo estupidos e immoveis
Do labio alvar do Jornalista trampa,
Que dos pobres (por ser de siso pobre)
Chamado é, e como tal se vende:
Cujas graças insulsas e arenguices
Delicias hoje são dos manteigueiros:
E se com ellas cuida inchar o ventre
Ao grande Lord Canning, filho da Gran,
Tambem o sesso a outros c'o elles limpa
Quando os bellos futuros prophetisa
Da vil escravidão aos Lusos posta,
A nós do Tejo filhos e senhores
Que o ganhámos sem futres ao Mouro ousado,
E ao cobarde Hespanhol tirámos sempre,
Calar nos manda, empobrecer nos deixa...
Oh Patria minha! se chegasse um dia
Em que devéras conhecer quizesses,
Que filhos tens, que em merito, em sciencia,
Em virtude, em valor, em genio, em artes,
Fanfarrões Europeus e Ilheos excedem,
Que senhora uma vez de Lybia, e d'Asia,

D'America, e de ti tens homens raros!
Ólha esta penna, desenrola a espada
D'Albuquerque immortal, seremos tudo,
Sem ricaços Bretões, qu'ind'outro dia
Pescar deixámos Bacalhau no Banco,
Em que ufano mijou marujo honrado,
Que do Indostão co' as perolas voltava
E metal do Brasil, rezar o Terço
E embebedar-se no Beato e Penha!
Oh Patria! oh Lusos! oh Nobreza antiga!
E vós quarenta Heroes, que a Patria escrava
Arrancas-te do jugo estranho e duro,
Se então podeste, quem vos prende agora? ..
Rua, rua os Arcos, que em sangue, em armas
Não vos chegam ao cu!... É crime um voto
Que a Patria amada em vão me arranca d'alma!..
Mas eu tórno aos Sandeus, aos Burros tórno,
Tómo os pinceis, que o Gazetal retrato,
Digno de Horacio ou Juvenal traçavam.
Das mãos o Genio por cardumes lança
(Barbaro termo!) Boletins ás pilhas,
Que a vil mentira e confusão derramam,
Que pés de barro do Colosso immenso,
Na Pedreiral opinião sustentam
Vacilante existencia ao Grande Imperio,
Que chamam sem vergonha a um desbarato
Victoria digna da Ovação Romana;
Dão louro eterno aos generaes Palhaços,
Que, co' as calças na mão, d'Almeida fogem.

Estes os Genios são que entre os mais Genios
Teem seus doceis em levantados thronos:
Dos charlatães os seculos são estes!
Poucos havia em Portugal outrora,
Porque fòra o paiz de honra e virtude,
Bastava aos velhos Portuguezes esta;
Mais póde um siso bom que os livros todos,
So é preciso em governar juizo,
A fôrça, a Lei, desinteresse e Patria.
D'este estouvado Genio é parto, é cria
Charlatão militar, d'alli retorna
Com mais mêdo no cu, na boca planos
De ataques, marchas, retiradas, postos,
General no café, cagão no campo;
D'alli delgado chicotinho trouxe,
E o barretinho de dormir, na rua,
Como quem anda passeando em casa;
De ferro ou de latão grossa cadeia,
Que a calça ao calcanhar lhe prende airosa;
D'alli vem semi-Inglez o Eleziario,
Que a tropa em monosyllabos commanda;
D'alli vem mais ufano, e mais carrasco
O Medico impostor palavras todo;
(Esta é de charlatães mais fina raça:)
Azote e oxigenio arrota Abrantes:
De assassino em receita anda ajoujado;
Hoje o mister de governar o mundo;
De Esculapio um discipulo não vive
Que não manqueje charlatão de planos;

Basta-lhe um anno de Mondego, cuida
Que ja póde entre Consules sentar-se,
Ser Cotta, e Pansa, e Cicero e Metello,
Mandar á Libya Scipião, e á Persia
Crasso mandar, Germanico ao Danubio,
Pompeu aos Hespanhoes, e Mario aos Cimbros,
Que é pouco mais que receitar Jalapa,
De maldicta Vaccina encher rapazes,
Sinapisar o cu, dar tom ao membro:
Dize-o tu Pelourinho, onde encostado
N'um miseravel sordido Gallego
Se apresentara o corpolento Paiva,
O carrasco levando á retaguarda,
E dos flancos e frente a turba immensa
Dos narigudos Phariseus escribas;
Sôbre dous cornos solidos levava
Na frente o *Semanario*, obrinha sua,
Por que devera Oriental jornada,
Onde se erguem tres paus, fazer a bèsta;
Porêm ha Becas que parecem Paivas!...
Doctor em Taboada o Financeiro
Qu'inda outro dia dés moedas tinha
De ordenado, aprendiz, d'alli ja marcha
Pançudo, ufano, circunspecto e grave,
De elastico chapeo, hirto pescoço,
Necker se julga, Necker se assoalha
C'um « *venha ca para a semana* » inteiro;
Bufa, e se assenta, e de sommar a conta
Acaba vezes cem, cem vezes erra.

Dous furos mais distante o torto existe
Genio de traducções, delicia, emprêgo
De muitos Sabios que apascenta o Tejo.
Traduziu Antonio de Araujo em verso,
Traduz agora de Palmella o Conde,
E, o *pernas d'egoa* Candido, vertia
Para, os das Lettras e Artes, *Annaes* burros;
Recheiado armazem de Gallecismos,
E de phrases insulsas mixtiforias.
Traduziu Pedegache, e todos deram
Co' a lingua lusa nos Infernos quintos:
Das pestilentes traducções é este,
E será sempre o desgraçado fructo!
A tanto precepicio, a tanta quéda
Leva os humanos a fatal mania
De escrever sempre e figurar em lettras
Sem genio original, que é dado a poucos.

Por muito tempo equilibrada esteve
Sôbre um grupo de turbidos vapores,
Como banhada em nectares, Sandice,
Vendo do ar a eschola das crianças
Aquem dá mama no asinino peito:
Não lhe suspende a maternal ternura
Dentro do ventre a harmonica fallinha:
— «Oh d'esta pança puritanas crias,
Minha esperança (diz) firmes columnas
De meus dominios na illustrada Europa!»
Eis a tal guincho a estupida caterva
A segunda fazendo á mãe babosa

Berro igual entoava. — « Ó mãe que queres? »
— « Quero nova conquista, outra colonia
Onde espancada fui, onde espancados
Foram sem compaixão Bravos de Jena.
Eu ja la tenho rebanhado um troço
De illustres filhos meus, brazões do Tejo,
Que, como vós, o Corso hão bem servido:
Todos os que este gran' Sandeu não viram,
Nem, nas usurpações, o segundaram,
Incapazes e ineptos são p'ra tudo.
A glória minha é hoje, ó meus amigos,
Patriotismo mudar em tratantisse;
Eu agora empregar so quero aquelles
Que mais contrarios foram aos Rêis fracos,
Porque mais longo assim será meu reino;
Visto energicos Rêis serem ja raros:
Vereis a collecção que la vos mostro,
Vereis aquelles que o Junot serviram
E a Patria a Macena entregar qu'riam:
Ergue entre elles o estolido toutiço
Um, que por natura e fado ha muito é trédo,
Gran' Marquez de Palmella se intitula.
Desde que o fiz nascer o trago d'ôlho;
Tinha na mente um Burro a mãe debaixo,
Tinha na mente um Burro o pae decima
Quando a semente burrical vasaram!
É elle, é elle o meu predestinado,
Tem cabeça de corno e sem miôlo:
Eu que dos filhos meus conheço a récua

Attesto ao mundo que nenhum mais asno
Houve até-gora de asinina especie;
Ou componha, ou discorra, ou falle é Burro:
Nada dos cascos burricaes lhe surde
Que não seja de um Burro, ou couce ou dente;
Um bando o segue de Sandeus menores
Que á sombra d'elle na tolice medram,
Quasi rivaes alguns com elle hombreiam;
Mas quando a agulha burrical levanta,
Quando dobra e desdobra a orelha esguia,
Tanto d'elles acima as ancas ergue,
Quanto entre vimes sepulcral cypreste.
Com todos inda espero erguer meu throno,
E afugentar de Portugal inteiro
Da importuna sciencia ainda as reliquias;
Mas sem vós que farei? Sem vós não pósso
Entrar em campo, e conseguir victorias!
Surgi, vinde comigo.» Inda acabado
Sandice mãe de se vasar não tinha,
Ja da caverna fóra os Genios todos
Batendo as negras azas se arrojavam:
Turvo se fez o ar, e a Natureza
Sentiu no vasto corpo um forte espasmo:
O dia se enluctou; mais apressada
Surgiu a noite das cimerias sombras:
Pelo reino animal somente os Burros
Deram signal de si, zurraram todos;
Os de Cacilhas, e de Vallada, a pino,
Como por fôrça magica, elevaram

Todas a fluz elasticas orelhas;
Pelas barrigas os lampreões bateram,
E o rabo, as moscas enxotando, ondeia.
Nunca longe da terra o vôo erguendo
Tardo e pesado a mãe vinham seguindo,
Quaes véem na revoada inda adejando
Atrás da gralha mãe gralhas pequenas:
Ella lhe marca o trilho, ao guincho attentam
Com que a audacia reprime, se atrevido
Mais algum d'elles, se remonta e sóbe:
— « Árre la para o chão (lhe diz Sandice)
Deixai que as Aguias c'os diabos subam,
Tu so n'um ar mais crasso, e mais sediço
Ventila as azas cartilaginosas,
Descobre no Morcego a imagem tua
Que evita um ar subtil coŝido á terra:
Se queres repousar toma folego
Em lodosa lagoa, em charco immundo;
Não pinches, alto não, que o precipicio
Nunca temeram animos rasteiros. »
A voz da mãe reprime a turba airada
Amor d'altanaria, e da suberba;
Tudo co'a terra se coseu n'um ponto:
Com rasteiro andamento assim prosegueın
Vereda conhecida até Bayonna.
Alli *bons* Patriotas Lusitanos
Foram pedir um Rei, tendo-o tam certo
N'esse Heroe vencedor do Rei Maluco
Que ás trancas deu dos campos Africanos;

Na ilha ou cu de Judas escondido,
D'onde ás vezes se apraz de noite em sonhos
Sahir, mostrar-se á jumental caterva.
Porêm Sandice na conquista attenta
Deu signal de marchar; desfilam todos:
Ja sôbre a Hespanha a cafila voava
Contente de observar no estrago e sangue
Effeitos da Sandice, effeitos d'elles:
Roubos, mortes, catastrophes são suas,
Cidades ermas, e talados campos,
Extincta a joventude e velhos curvos
Sob o pêso de cornos e cadeias;
Templos em cinzas, muros arrasados,
Sôbre as aras thuricremas extinctos
O sacerdote, a candida donzella,
Que um sacrosancto voto aos ceos unira;
As Infulas vestaes inda conservam
Na ja pallida frente, e as mãos cruzadas
Sôbre o peito lhe tem da morte o gêlo.
Pedreiros infernaes eis obras vossas;
Eis as vistas políticas so tuas
Bernardino João, doctor Bemfica,
Na Gazeta de Almada heroe cantado;
Bacharel Wanzeller, ex-Grillo e bêsta
Que atrellado ao Falcão viu ir Lisboa
Buscar (devendo a forca) Ilha Terceira.
Satisfeitos co'a vista os Genios voam,
Tocam do Coa as margens pedregosas,
E não podem voar, que é fino e rallo

Inda o ar que circunda o Imperio Luso,
Que monstros taes em flúido mais crasso
So podem existir. Então Sandice
Dos largos poros do pesado corpo
Deixa sahir vapor fetido escuro;
Engrossaram-se os claros orizontes;
Por onde quer que passa é sombra é noite.
Véem do Mondego ás limpidas vertentes,
E desde um teso levantado bispam
Ja n'esse tempo a quasi nada Athenas,
Depois que a mãe Sandice o cu tanchara
Nas crystallinas aguas do Mondego,
Transformando o Museu n'um cagatorio,
E mudando o anatomico escalpello
Em penna Gazetal que asneiras vérte.
— « Temos vencido aqui (bradou Sandice
Aos Genios todos que a phalange formam)
Vamos á capital, tactica é esta
Dos Generaes ou cardadores Corsos. »
Disse, deu costas, e a phalange voa;
Vertical ao Rocio espande as azas,
E absorta no prazer busca o Javardo
Que ao conhecido Botequim se acouta
Quando a noite desdobra o manto escuro,
E a turba dos Cações, e dos Caixeiros
Despejada a gaveta ao ponche accodem,
Tudo observa a Sandice aos Socios brada:
— « É este o domicilio, este o viveiro
Donde vamos tirar Conquistadores

Com que entre gente Lusa edifiquemos
Novo Reino que aos astros sublimemos:
Seja de orates Portugal a casa,
Asnos tenha em saber que opponha á França.»
O Genio então da nova poesia
Acotovela a mãe que se babava
Ouvindo o filho coxo e cego em tudo,
E lhe diz sussurrando: — « Ó mãe campámos!
Estou pasmado da colonia nossa
Tam florescente ja no Tejo undoso!
Que em mil versos fataes fermenta e arde! »
— «Isto tudo que observas (lhe diz ella)
Conquista é minha ó filho; inda não vistes
O que é minha potencia, o que é meu braço,
Ólha alêm para dentro, ólha o Trigoso,
Rosto feito ao pião, beiço cahido,
Caldeirada ambulante, e que parece
Um bacio de dentro para fóra;
N'este vivo monturo erguer pretendo
Do meu imperio o throno mais seguro,
E ja se eleva, e ja se immortaliza
Tanto no *Popular* do meu Carvalho,
Que em Londres tanto aproveitado tem,
E os outros filhos meus Borges e Monra;
Pois ja com Sir Robert Wilson andam.
Eu agora aqui fico, observar ide
Quanto em Lisboa immensa se offerece;
Ide ultimar a commissão d'asneira;
Charles Stuart aqui esperar devo;

Nem longa póde ser sua demora;
Tudo prestes levou d'aqui, de Londres
O Barradas, Lacerda, e o Porto-Sancto,
Muito de dia e noite trabalharam;
A elles é que deveremos tudo:
Bemcomo ao Aguiar, e mais ao Abrantes,
Que do Rei aggravaram a molestia,
Para assim desgostoso annuir a tudo:
S' elle espicha, ó meus filhos (como creio)
Então de certo a victoria é nossa;
É com o Pedro que eu ha muito conto;
Pela cidade nova dividi-vos;
N'ella meu reino e esperança eu fundo.
Da rua Augusta, Capellistas, e Ouro,
Fanqueiros, Algibebes, e da Prata
Os Patrões convocai, e os seus Caixeiros.
Destribuí dos Eleitores a lista,
Que elles mui bem fazer a escolha sabem,
E ja dos Trolhas mesmo a trampa gostam.
Ide assim preparando o Imperio e throno,
Que hoje comêço a conquistar Lisboa;
Tomando a capital, eu venço o reino.
Vou-me escanchar no Bacharel Bernardo,
E toda quanta sou, n'alma de trampa,
Minha morada, meu prazer, chimpar-me.
E pois a Noite taciturna e fria
Vem o manto estendendo, e os astros brilham,
Eu aqui fico ó Genios, que é chegada
Do gran' Congresso a hora, em que alto plano

Da parvoíce universal se forme:
Eu devo presidir, geral ataque
Em toda a linha da sciencia e gôsto
Á manhã se dará; Genios sou vossa. »

FIM DO SEGUNDO CANTO.

CANTO TERCEIRO.

O Congresso

PREPARATORIO.

O carregado ponche, o gro picante,
Mil e mil vezes repetido, tinha
Feito rodar estolidas cabeças
Aos campiões do litterato beco,
Que em roda estavam da marmorea banca,
Das Artes, das Sciencias disputando,
Do genio do Miguel, e do chicote
Com que mui bem zurzidos tinham sido.
Mas ja da casa mystica á secreta,
Onde se joga á noite, onde se ajuncta
O conselho dos dés qual em Veneza
A ventilar d'Estado altas materias
(Pois de Judas ao cu foram as Côrtes)
Por qual das frestas não se sabe ainda
Ou por cima, ou por baixo agudo apito.

Quaes em Gaita de corno os Rêis das armas
Sobiam em Madrid chamar a Côrtes :
D'esta guisa chamando a vil caterva
Par' o Congresso estupido e profundo ,
Qual a assobio conhecido accodem
De Pancas na charneca ou Vendas-Novas ,
E Espinhaço-de-Cão, ladrões matreiros :
Assim surgem da banca , largam copo
Ao ouvir dos canhões o estampído ,
Que a chegada de Stuart annunciam ;
Ao qual , n'um escaler, além da Barra ,
Ha muito , a mãe Sandice , esperar fôra.
Formam conselho os Asnos n'alta Côrte;
E ja nos bancos ensebados , todos
Quasi iguaes na Sandice , se assentaram :
Preside o gran' Sandeu. Quaes do Dentista ,
Charlatão de París , pendentes ficam
Á roda d'alta banca os Chanfaneiros ,
E os nojentos Cações do Caes-da-pedra
Quando elle entoa a divinal prelenga
Em que promette esmigalhar os queixos
Com permissão do Proto-Medicato ;
Assim de palmo abrindo enormes bocas ,
Ficam da boca do Sandeu pendentes
Por largo tempo os sessos , e os sessores.
Elle alarga a bochecha , assopra e grita :
— « Veneraveis Varões em prosa e verso ,
Grandes Mestres de crítica e dentada ,
Padres Conscriptos de Gazeta e ponche.

Parece-me que sinto escarranchada
No meu cachaço a minha mãe Sandice;
(Onde eu e vós estaes, por fôrça existe)
Ella decreta, e tinha decretado
Que em Lysia o Reino da Sandice expire.
Bemcomo o nosso Jorge Canning, Clinton
Mandou conquistador, para que os Lusos
Beber da merda, honrados, o mandassem,
Ella me escolhe a mim n'esta ardua empresa;
Mas sem vós que farei? Sem vós sou nada.
Dêmos cabo das lettras importunas;
Ponha-se fogo á triste Academia;
Se a deixâmos de pe, talvez que um tempo
Surja, e lhe esqueçam planos de batatas,
E cuide em mais que em manuscriptos velhos,
E um corpo inteiro dê de Historia Lusa,
E não va mendiga-lo aos Estrangeiros.
Ja que o Trigoso, Frei Luis, e sucia
Occupados estão na causa nossa,
Que os Burros todos a salvar so tende,
E que sem elles Académia é nada;
Extinguí-la (penso) melhor fôra;
Pois mais uma Sessão vale das Cameras,
Que cem mil Academicas arengas;
Mais bem nos fez á causa da Sandice,
Do Fernandes as brutas gritarias,
O — *Passe por la bem senhor Brasil* —
E os couces, que o alvar Borges Carneiro
Ao Principe atirava, e aos Brasileiros,

Que todas as arengas Bonifacias,
E as sommas todas que gastou Roivides.
Com Jumentos vinte oito, em Trolha mestres,
Nas Côrtes Bêstas cem, venci tres annos;
Estes e os outros entretinha o Chefe,
Como, outrora, o Corso o seu Senado;
Aos primeiros conf'rindo as mores honras,
E os outros lançando á margem todos.
Assim como de Róbespierre a morte
Em França a quéda da Sandice trouxe,
Tambem á perda do Heroe Fernandes,
De nosso Imperio se seguiu a perda:
Mas a consolação ao menos temos,
Que, em quanto o Heroe nosso padecia,
O jumento Loulé diariamente
Vezes vinte da parte do Rei ia
Indagar os progressos que a ascarosa
Doença, n'elle Burro, ia fazendo:
E que, se da Igreja cabo deu o Infante,
O Marquez firmemente promettera
De restaurar-nos procurar maneira.
Vós sabeis muito bem que elle foi víctima
Do cio Burrical; e causa nossa:
Porêm o socio nos deixou e genro
Que as suas e nossas manhas seguir sabe.
Nós os mores favores hoje alcançâmos
D'um estranho Patrono, *Eolo* dicto,
Que dos Eunuchos todos é gran' Mestre.
O Palmella é ja nosso, e outros muitos

Fidalgos orelhudos; e até temos
Naftes illuminados, que outro tempo
Involvidos no escuro á toa andavam,
Sem o valor e aprêço dar saberem
De ser nutrido com batatas Burro,
Ou com bolota, como fôra outrora;
E que os Burros cabresto em Albion não teem,
Mas sim de forte couro liso freio.
Do Trigoso a conquista, e a acquisição
De Sir Charles Stuart, e da Condeça,
Que Anadia se chama, fructos foram
De fadigas cançaços e suores.
Paciencia e corajem ter devemos:
Ja, o velho Dono, a zurrar matámos.
E agora a granel andâmos todos.
Dono quer ser Miguel, e quer ser Pedro:
Tambem pela criança é lord Canning.
Quando muitos um Burro montar querem,
Sempre elle, do que as manhas sabe, foge;
Porque a manha a chicote, e a espora leva.
O diabo do Miguel não nos faz conta,
Nem o Pedro (a ca vir) nos serviria;
Pois que o Congresso a pontapés levou;
Mas como longe está, zurrar nos deixa,
E da pequena é Canning o Tutor,
Albardados por elle antes sejamos;
Ja que ao Pedro e Brasil tambem albarda,
Pois feno (em caso mau) e asylo, temos.
Assentam todos uniformemente,

Que jumentada igual nunca sahira
De humanos cascos, de toneis de ponche:
Este o maior brazão do Imperio nosso;
Este dilata o Reino da Sandice,
Dos Lusos ao saber bestial põe cunho. »
Saltando estava por fallar o Pato;
Levantou-se orador, grunhiu d'esta arte:
— « Vos, Asnos, socios meus, e meus modelos,
Sabeis ser o Theatro a eschola aberta,
Onde aprende a Nação patifarias,
Onde se estraga, se corrompe o gôsto,
Onde a linguagem Lusa se emporcalha,
Onde as mulheres se refinam todas
Na grand' arte d'ornar de corno a frente
Dos que lhe arrastram conjugal carroça;
Sabeis que alli se estuda, alli se aprende
Como presente o pae, e a mãe presente,
Donzella mestra na *modesta* Walsa,
Não so cartinha embuta, encaixe e metta
Tudo o que ella quizer grosso e miúdo:
Como a patrão forreta empalme o gimbo
Namorador Caixeiro, que inda ha pouco
De Basto ou Guimarães veio em tamancos
Co' a ceroula no cu pegada e rota,
E ja nos Botequins, ja no Theatro,
Em politica, em Dramas decidindo,
Na platea alugado desapprova
O que nunca intendeu, com couce e zurro.
Tal o macaco vemos do Gameiro

(Que quinquilheiro no Brasil ja fôra)
Feito hoje Embaixador; e tambem vemos
O Rodrigues tripeiro, que outro tempo
Vendia em Londres a cebola ás duzias,
Secretario e secreta em Turim ser.
Graças mil á Sandice sejam dadas,
E outras tantas ao Sandeu Palmella.
E ess' outro que de Príapo blasona
Lopes jumento, que exaltava tanto
Os louvores que Jorge (dicto quarto)
A seu burro marzapo prodigara;
E o como por guinés trinta comprar,
(Que em Sancta-Cruz o Pedro lhe quebrara) (1)
Um apostiço dente, enviado fôra
Ministro a Stokolmo, ahi deixando
Seu filho Encarregado, em quanto em stampas
De Villa-Flor ao Conde mostrar veio
Dos Cesares doze as eternas manhas.
Assim se funda da Sandice o Imperio;
E assim, entre nós, medrando hade ir.
Genios dous me dominam *vil* e *asno*:
Dos Fidalgos d'agora, eis a apanagem:
Se os Francos chegam, vão o cu beijar-lhe
Se véem Inglezes, vão pedir-lhe albarda:
Dos Heroes Lusos a ascendencia é esta.
Estes Asnos agora, nova regra
Conformes seguem; pois assentam todos,
Que, quanto mais com Stranhos se humilharem,
Mais nobres hão de ser, em casa, e honrados.

Nos Burros esta regra origem teve;
Pois, aquelles, que ao monta-los, se acaçapam,
Dão em a manjadoura, grandes couces
A outros Burros, que p'ra carga servem.
Isto a Loulé, e a Brainer bem surtiu;
Pois se vilezas no Brasil fizeram,
E pontapés e arrôcho la soffreram,
Alcançando depois os maiores póstos,
Em logar do da forca que m'reciam,
Vingança muito bem então tiraram
Um, o Real decoro achincalhando;
O outro, o Throno, e a Nação vendendo.
O vastissimo Imperio da Sandice
Funda-se em traducções, e estas são minhas.
Quero trazer eu so de novo a Lysia
Com traducções o imperio da Ignorancia.
Traduzi, traduzi, r'digi Jornaes;
E depois de assolar, queimar a Patria,
Escrevei, publicai *Contemporaneos*;
Porque então vil tratante e sandeu sendo,
A primeiro Ministro aspirareis
D'aquella Patria, que trahiste em tudo.
E até mesmo aquelle que em sotaina
De Porteiro servia aos padres Bentos,
Será dos do Conselho no Serralho:
Tal hoje a pedreiral é Irmandade
D'esses Fradinhos, que o Sotaina vai,
A par d'um digno Padre até fazendo
Do jumento Patricio um Cardeal.

— « Alto la » lhe bradou risonho, insulso
O Major Daniel Rodrigues Costa,
Assustador do Rapazio immundo,
Quando insomne as recrutas farejando
C'o terço patamal Lisboa entulha:
Tudo (exclama com voz pausada e tola)
A meu esfôrço deve o Imperio vosso.
Quarenta annos ha ja que eu pôsto em campo
Contra a razão batalho, e contra as lettras:
Ninguem mais graças disse, e teve menos,
Nem zangou mais a paciencia ao Mundo.
Roucos se fazem com meu nome os cegos,
Nenhuma esquina se çujou sem elle:
Volumes vinte e quatro impressos tenho,
Eu mesmo que os compuz não sei que dizem.
De rhymas varias dous volumes conto,
Que cousa seja um verso inda hoje ignoro:
Animoso atirei comigo á scena,
(Cousa não vista mais!) As pateadas
Vinham atrás de mim malhar-me em casa
Depois de fartas de malhar na peça!
O meu *Mundo, Hospital, Barco, Almocreve,*
Podem fazer-me o General dos Burros;
Nem mais que desejar Sandice tinha;
Os dous Galenos Coimbrões seus filhos
Em seu docto Jornal me immortalisam,
E ambos a par de mim se acclamam Asnos!
Ou deixai-me escrever, eu so no campo,
Ou por mim vós seguindo a estrada aberta,

Sède vós Danieis , Sandice é tudo. »
— « É grande o voto do commum (gritava
O Silvestre Pinheiro) mas eu vejo
O povo Luso n'outro estado agora.
É para vos instruir que a mãe Sandice
Em Inglaterra e França ha viajado.
Foi sempre tal em França o amor ás lettras,
Que é mui raro em París o logar hoje
Aonde se não leia, e até cague.
Os de cus Inspectores, e de cloacas
Lendo estão os Jornaes, em quanto os outros
Vão a tripa vasando ; porêm logo
Para o sesso alimpar os Jornaes tomam :
Durante que o Francez a qualquer canto
A bota, ou o sapato engraxar faz,
Le o Jornal. No açougue o Carniceiro
Lendo o *Constitucional* a carne corta:
Nas Praças os Saloios Jornaes leem ;
E tal esta mania é em París ,
Que de carga os Jumentos,que atrás se acham,
Ler todos sabem; stando assim ao alcance
Das tenções e politica dos donos :
Eis a causa porque os Francezes Burros
Se destinguiram sempre em toda a Europa :
Mas sem fallar-mos nos Albinos Asnos,
(Que acima um furo aos outros se avantajam
C'os seus longos Jornaes de duas varas)
Dizemos, que o progresso d'esta raça
Tem ja civilisado o Mundo inteiro,

A couces, e a zurrar os Rêis matando.
Do Constancio (2) e Benthan, alvares Burros,
Assás lições aqui se nos mandaram :
O velho Burro Verdier ja temos,
N'habitação do qual os socios todos
Em Paris, á porfia se ajunctavam,
(Qual em Delphos um Burro) a consulta-lo :
Eu mesmo a conferir com elle ia.
Nós tivemos Jornaes, oh feliz epoca!
A não ser o rapaz excommungado
Que não houveramos nós té-aqui feito?
Mas corajem, amigos meus, corajem.
Agora um gran' Jumento nos protege :
Palmella é ja dos nossos, mãos á obra.

Gazetas, meus Senhores, e mais Gazetas,
Que, de todas, a mor Sandice é esta.
Na séria redacção se ajunctem todos,
Quaes ja, no escuro Tamisa, outro tempo,
Em ajoujo os dous Mestres d'alta trolha,
Abrantes e Nolasco se ajunctaram
Por ordem do Sodomico Roivides,
Para o *Investigador* trampa escreverem,
Em o qual ao Hippolyto retruquem
Sôbre os milhões que o Funchal sisara :
E chegando depois Palmella o Burro,
As *Côrtes de Lamego* assoalhassem.

O grande Padre Amaro, ou ladrão dicto,
Que dos Trolhas a caixa gatunara,
De que elle mesmo Thesoureiro fôra,

É hoje do Palmella o jornalista ;
Que é o mesmo (ja se intende) que ser nosso :
Emfim este é o seculo das luzes.
Se outrora ouro faziam os Alchymistas,
Tambem hoje a Gazeta podér tem
De os Portuguezes transmudar em Burros,
Quaes ja todos vão sendo, excepto poucos;
E muitas Alcoboças terá Lysia
Onde centos engordem de Bernardos.
Que será sem o *Times* o Palmella?
E sem *Constitucional* o Burro Abrantes (3)?
Ah sem Gazetas nunca houvera Acursios!
E sem Gazeta os bacamartes cinco
Não vieram quebrar do Mundo as bolas,
Nem conservar aos posteros zangados
De asneiras tantas a memoria eterna!
Milagrosos Jornaes, por onde a farto,
Quizeram ser Fouchés frades Vicentes,
Que cabo d'elles deu, mas não de todo.
Phrenesi Gazetal doctos Pedreiros,
Tonsurados, Maçons da Loja-Mestra,
De quem foi Veneravel o Loretto,
Que ao Hippolyto hospedar se gloría
Quando se escapuliu da tóca Bicha
(No Rocío existente) para Londres,
Onde, alfim, Redactor foi c'o Nolasco.
No paradouro dos illustres sabios
Que vão no Tejo das galés fugindo,
Gazeta, socios meus, Gazeta é tudo:

Da quéda da Sciencia a causa é ella :
Antes de haver Jornaes e Academías
Viu-se na Europa o Templo da Sciencia. »
Qual quando volve o gordurento Entrudo
Nos Açougues se escuta alto sussurro,
Ou como em Maio nos florídos campos
De Burros um coreto alto solfeja:
Tal no immundo salão dos Asnos soa
Clamor universal d'applausos tolos,
Que o grande achado aos sessos levantaram.
Á saúde do membro aos cascos sóbe
Almo férvido ponche em palanganas:
Mais que todos bebeu Sandeu Bernardo,
E de mofo sorvendo a caixa alheia
Da boca jumental bafordas vasa.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

CANTO QUARTO.

O Palacio da Sandice.

Na conhecida enxêrga esburacada
Tinha apenas Sandeu lançado os ossos
Embaínhados pela manta immunda ,
Prompto somno lhe prende os vesgos olhos,
Que elle a receita de os fechar conserva
Repetindo a si mesmo um seu soneto
Que a fôrça tem da Egypcia dormideira
Na pesada lethargica virtude!
Então mais um motivo accresce e sóbe
Do Carrascão a dose assalvajada
Que sôbre as Ostras sepultou no bucho.
Dous roncos dava ja, qual no chiqueiro
Costuma dar o grunhidor Cochino,
Ou qual Bernardo que estirado espera
Que o badalo infernal toque a completas
N'um dia duplex de jantar Bernardo.
Eis que Avejão bem conhecido, attenta

Sobrestante á posilga, horrendo e feio,
Mais alto ainda que o Doctor Sangrado!
Dos labios deslisou surriso tolo,
Arregaçando os prominentes beiços,
Qual Burro que cheirou da Burra o mijo,
E alcatrusando o lombo o ar atroa
Da popa c'o cachorro em salva inteira:
— « Filho, (o Nume lhe diz) comtigo estive
Na tasca immunda das puxantes Ostras;
Á Sessão presidi na sombra involta,
Que é propria e natural da essencia minha.
De prazer me molhei quando escutava,
Quando dos Membros recolhia os votos;
De meu Imperio firmes alicerces,
Firmes columnas das conquistas minhas.
Nada mais é preciso, a Europa é minha
Depois que a praga Gazetal é sua!
Grande empresa acabaste, ó filho, agora
Cumpre a devída recompensa darte,
Bemcomo Thetis no Camões ao Gama;
Que depois de ceiar lhe mostra o mundo
Dentro de bolas de crystal mettido:
Assim eu como exordio ao prémio immenso
Que guardo para ti, e aos outros guardo,
Destino os meus Alcaçares mostrarte,
Onde verás o que Mortaes não viram.

O Nume assim fallou: pelo gasnate
Ou da beiça travando ao vil Javardo,
Em corpo e semi-alma ao ar o sóbe.

Bambaleam-lhe as pernas, de uma d'ellas
Logo cahiu desirmanada bota;
A perna lhe ficou despida, esguia,
Mas na côr, e no laivo igual á outra
Qu'inda sustem caritativo couro.
La vão fendendo espaços dilatados
Té chegar a um logar Pantana dicto,
Onde tudo vai dar quanto a toleima
De Morgados e Vates esperdiça,
Quanto ás Nações Embaixadores furtam
Para com luxo entreterem as Putas;
Quanto, trahindo a Patria, se adquire,
E que tambem depois leva o Diabo.
Aqui da mãe Sandice o Paço estava,
De mão estranha ou nova architectura;
Tem salas, galerias, tem janellas,
Qual d'Alcobaça outrora a estrebaria,
Antes que o facho destructor de Mássena
Chegasse ao Côro, á Manjadoura, a tudo:
Fica n'um valle dilatado, ameno,
Qual nos fez Dom Rodrigo o Campo-grande.
Do ar descia c'o Sandeu, Sandice,
E vai cruzando o portico da Estancia.
—«Ás armas! (grita a sentinella) ás armas!»
A grande Guarda se ajunctou n'um ponto;
Magote digno do potente Nume!
De aspecto vário, e de diverso trajo,
Da canalha composto alti-gritante,
Que no Caes-do-Sodré se ajuncta e vive.

Tocaram rufos tres, e o som parece
Igual á flauta jumental, se em Maio
Reproduzir-se a Natureza intenta:
(Não tem Sandice mor defensa que esta!)
A todos sobrepuja, excede a todos
O Capitão da estupida quadrilha,
Da tactica dos Mam'lucos do Pará
Era o Villa-Flor nedio e asneirão,
Que esfregando as verilhas corre á frente;
Dando n'isto a intender que sempre pronto
Está para cubrir as Burras todas
Ou seja em cama esbelta, ou ja n'um charco
  A escadaria Sandiçal sobiam:
Aqui e alli Javardo ia notando
Os Bustos dos Heroes que em nicho estavam
Entre columnas mil de ordem Toscana,
Com capiteis do Gothico pesado.
  Dos Heroes, entre os Bustos mais distinctos
Stavam, em Galeria, os Paes da Patria,
Que de Sandeus são óptimos synonymos.
O Fernandes estava, e o gago Moura
Que fizera ao Junot d'alcoviteiro,
Stava o desnarigado e alvar Medico,
Os asnos Bentencourt, Annes, Trigoso,
E o esqueleto fodaz Castello-Branco:
Os da Sucia, alfim, todos estavam,
Cada um, por pilar, tendo um bacio:
Distincção que a mãe Patria lhe outorgara,
Visto dos Benemeritos a ordem

Não terem outro tempo conseguido.
Em outra Galeria, em maior vulto,
O Corpo Diplomatico se via.
Aureas grossas cadeias ao pescoço
O Palmella, Funchal, e o Matheus tinham,
Com que ha muito os Bretões os presionavam.
Segue-se de Villa-Sêcca o sandeu Busto,
Que aos Credores fugiu para Moçamba;
E de la a Turim chegado havendo,
Secretario se fez do Anadia,
E pelo Meternique agora é pago.
Segue-se-lhe o Guerreiro sevandija,
Que os pratos ao Roivides alimpava,
E hoje, por servir a Jorge Canning,
É Ministro dos Cesares na Côrte.
Tambem do Nap'litano jaz o Busto
Que agora la em Nap'les Lysia advoga,
Porque gente capaz não ha ja n'ella.
Dous Bustos Jumentinhos se seguiam,
Que em Turim o Linhares bêsta deixara,
Que honra tanta lhe hão feito, e á mãe Sandice.
Seguia-se do Moraes Sarmento o Busto
Que em Copenhague a Canning ora serve.
Do Brito escriba, a par lhe stava o vulto,
Que o Brainer Jumentão substituíra;
De um Asno, qual elle é, successor digno.
Logo, em baixo relêvo, ao pe se lia
—*Chevalier attaché à son Excellence*—
Como elle se dizia e assignava.

Que do Havre, quebrado, a París fôra
Pr'a fazer de Mercurio ao Marialva.
— «Filho vais ver as maravilhas todas
Que meu potente braço alli junctara;
Obras são minhas, de meus filhos obras;
Aqui seguras vão da Eternidade;
Duras são ellas que nem traça as chucha.
Ves esta sala, que de espera é dicta,
(Chamam-lhe os bons criticos palheiro)
Estas estantes toscas e grosseiras,
De calhamaços ensebados cheias,
(As mesmas moscas se aqui pousam dormem!)
Não sabes de quem são? Ólha este Busto
Da cabecinha leve e venta larga,
Capitão d'alabardas, e d'archeiros,
As obras todas são do Palmellinha;
São do Camões a *traducção* famosa;
São as *Cartas* ao *Times* dirigidas,
E assignadas — *Um Brasileiro em Londres* —
Cartas que ao *Times* muito bem renderam.
São *Memorias* escriptas na *Minerva*,
No *Investigador* peças differentes,
E no *Sovéla*, ou *Campeão* insertas:
Tudo quanto aqui ves, elle o escreveu.
Anda meu filho, não detenhas muito
Teus estupidos olhos n'esta sala,
Tens muito mais que ver: são bagatellas
Do Foyos, do Cenaculo as asneiras.
Ólha immenso salão de Vates cheio;

A estante —*Portugal*— tem mais que todas!
  Ólha n'este recanto as obras todas
Que o gordo, traduziu, Padre das hervas;
D'agro-manía possuído a eito,
Aos Lusos deu theoreticas batatas,
Planos de arroz e mel, cevada e milho,
Fazendeiros da America e mellaço,
Co' as estampinhas mil, (trabalho inutil)
Que a Dom Rodrigo o bom, milhões custaram
Na abertura das chapas e matrizes
Das lettras calcographicas de trampa.
O tractado da *Abelha* aqui conservo,
Que ensina so despovoar colmeias.
  Ólha a par d'isto como brilha ufana
De tomos cinco pejadinha estante!
Historia Augusta da Invasão se chamam
Os inuteis gelados bacamartes;
Não precisam na frente auctor pintado,
Dizem por fóra e dentro *Acursio*, *Acursio*!!
  Ora agora vem ca, Sandeu, chegaste
Á grande sala que uma vez somente
Serve no anno á Pedreirada nossa. (1)
O veneravel Maldonado mudo,
Zarolho Costa, que dos filhos mestre
Do Scabra se diz; doctor Vicente
O consultado oraculo dos tolos;
Rodrigo Pinto, thesoureiro d'elles;
E os mais abysmos da sciencia ou trolha,
Que o volcanico Hippolyto salvando,

Ficaram na esparrella, ás Ilhas foram;
Aqui tinham Sessão do Grande Oriente.
Ólha a rica armação franjada d'ouro;
Ólha o docel de veludilho negro,
Os ricos avantaes, e as luvas brancas,
A espada, a caveirinha, a trolha, o prumo,
A esquadria, o compasso, a mitra, os cornos.
Os d'alto grau na Pedreirada mestres,
Que igualdade sonbando, e idades de ouro,
Do estouvado Francez não conheceram
Essa fatal Revolução de sangue:
Fiaram-se em Ladrões que ao Tejo vinham,
Mais alarves que os Vandalos, que os Hunos,
Roubar somente, e desprezar Pedreiros:
Cheios de ideias vãs Republicanas,
Reproduzir no Tejo imaginaram
De Catão, de Pompeu dourados dias,
Elles chefes ficando, os mais escravos.
Mijaram-lhe na escorva os Protectores,
Alimparam-lhe a bolsa, ás trancas deram,
Erma deixando no meu Paço a sala:
Tal é o que os Bretões fazer pretendem.
Fique outra vez fechada, ávante vamos.
Desarqueia o sobrolho, eu sei que triste
Te ficou n'esse corpo a alma de Corno;
Alguma cousa dos Pedreiros ocos
Esperavas obter, tem paciencia!
  No Museu do Palacio agora entremos:
Aqui tenho o meu throno, e sou Raínha.

É este o Busto do Sandeu Vandelli,
Aquella estatua Bonifacio Andrade;
Os tres Reinos aqui classificaram,
Ordenadores Commissarios ambos.
Vai vendo, filho meu, sôbre os armarios
Dos subalternos na sciencia inutil
Os Bustos, em argilla, em greda, em humus,
Dos correios da morte em longo fio,
Aqui ves os retratos na direita;
Do Museu da Sandice enfeites dignos!
Acolá o Ricardo tens, gran' Trolha,
Que em Coimbra a Catherina divertia,
Ao que Reitor dos Nobres ser devera,
E á Maçonica depois dignidade,
Agente d'Albion, dos Lusos Régulo;
Fazendo-o eu d'Estado Conselheiro,
Pois tal gente compete a tal Estado.
De Mello Franco a estatua envernizada,
Co' a essencia da Vaccina, aqui contempla;
De ranhosas crianças rodeiado
Este assassino está, co'a lancetinha
Mettendo o pus, e consolando a Morte,
Pois sem ella as trazer, bexigas fórma.
Ólha a estatua do Medico Delgado
Por timbre tem na base o Cemiterio,
Por lança tem nas maõs a sura e tibia
De um medonho esqueleto a quem matara
Com vinte grãos de tartaro chumbado.
Do Xavier alli ves a negra estatua,

Furada barretina tem por casco;
Da Hygiena obra-prima, e invenção sua,
Com que, nos hospitaes, ou la no campo,
A moleira ventila dos soldados.
Do Constancio eisaqui o grosso Busto:
Elle diz nos Annaes ter vaccinado
As crias do Martins, Genioux, e Launes:
É elle que de Lysia expulso sendo,
Por tambem vaccinar querer a Patria,
Mandado, em meu reinado, foi á America,
Para tirar o ventre de lazeira:
Repara na encarnada fita da Ordem
De Christo, que os Sandeus Trolhas lhe deram;
Ordem, que elle em París hoje não larga,
Mas que tanto algum dia achincalhava,
Da Raposa, co'as uvas, á maneira.
Tal a cartilha é d'estes meninos,
Maldizerem os Rêis, e as Jerarchias
Quando d'elles o cu nem cheirar podem.
Dessecados, tambem, alli tens Asnos,
E as tripas do Fernandes em conserva,
Preciosa reliquia para os Burros.
Vai no Reino animal mettendo a tromba,
Aqui tens Mochos tres embalsamados,
Virados para o cu conservam bicos:
Imagens são dos criticos que ao senso
Dos Escriptores bons dentada atiram.
Olha Lagartos mil, Cobras seiscentas,
Que o veneno da Satyra cuspiram

Na virtude e saber de homens honrados.
Aqui de Escarabeos cardume immenso
Guardo em frascos d'espirito-de-vinho:
Zuniram nos ouvidos, e quebraram
Com sussurro importuno ao Mundo as bolas;
Bemcomo aturdem novelleiros ocos,
Por praças e cafés, theatro e tudo,
Com mentirosas burricaes noticias.
Oito Lobos-cervaes, de palha cheios,
Fóra d'aquelle armario as trombas lançam;
Imagens são dos Commissarios destros,
Que a immensa pança abarrotando, folgam
Co' a fome e descalcez de Heroes da Patria,
Que o nobre sangue e generoso entornam,
E marchando em jejum mastigam louros,
Quaes no Oriente seus Avós colheram;
Os mesmos são que o Indo avassallaram;
Teem braço os Lusos, mas não teem cabeça:
Se houvera um Albuquerque, adeus ó Bifes!
Ólha agora o paiz da Ornithológia:
De milhafres tu ves cem mil especies.
Nos cantos do Museu tenho em poleiros
Alguns de garra e bico mais adunco,
Imagens são dos rapinantes finos:
Bilhetes e guineos, patacas, tudo
Que a fome vende, a ladroeira compra.
Alguns no ninho estão muito anafados;
Retratos são dos usurarios duros,
A quem contractos exclusivos nutrem;

Teem quintas, teem jardins, coches, palacios,
Teem argentea chapada em peito immundo,
Qu'inda outro dia se encurvou c'o pêso
De canga em que levou caixa de assucar;
Em quanto o benemerito gemendo
Banha o pão com suor, se acaso o come;
Mas tem honra, que excede em preço os cofres
Que usura vil e monopolio atulham.

De Ratazanas de focinhos varios
Alli tenho um caixão pejado e cheio;
São de dente roaz, cauda comprida:
Imagens são dos que nos outros mordem,
E teem rabo de palha e baldas muitas;
Lisboa cheia vai d'esta ratada!
Cem mil Camaleões de aspecto e côres
Mudaveis sempre como o ar se muda;
São mais leves que o ar, d'elle se nutrem;
Dentro d'aquella vidracinha os tenho:
Retrato vivo de tratantes muitos,
Que mudam rumo como sopra o vento;
Jacobinos, ladrões, rebeldes, falsos:
Porêm se os Hespanhoes em Lysia entram;
Se o Rapaz em Lisboa feito é Rei;
Se da Trolha o Reinado e Reino expira,
E o preto veludo em rubro muda,
De Villa-Franca as variegadas fitas,
Que tanto, em outro tempo, se pediram,
Os vestidos, a flux, s'encherão d'ellas,
E a casaca virar hão de q'rer todos.

Abrantes d'este lote, e Abrantes outros,
(Cujo nome immortal não cabe em verso)
Mastigam n'este Reino a dous carrilhos;
E as Galés com bolor!... e a Forca ás moscas!...
De Cigarras aqui conservo um cento,
Que inda assim mesmo em balsamo enterradas
Das cantiguinhas as não deixa a teima
Nas quentes séstas do calmoso Agosto,
Quando o ar se esbraseia e escalda a terra,
Racham co'a linda voz té sêccos troncos!
Poetas são dos Botequins de Lysia.
Deixemos animaes que n'estes Paços
Nunca teem fim quadrupedes e insectos;
So Aguias no Museu nunca aninharam!
A meu jardim botanico encaminha
Agora os longos pés, que ás hervas corres:
Nenhuma planta exotica vegeta
N'este meu logradouro, apenas cardos,
Pasto mimoso de esfaimados Burros.
Para os Vates aqui de herva-babosa
Coroas immortaes, grinaldas crescem;
Com minha mesma mão lhes cinjo os cornos;
Cingi com ella a cabecinha ao Pato
No Elogio fatal chamado o *Nome*,
Foi vergonha de Arthur, de Lysia opprobrio;
Nuno a par de um Bretão no esfôrço e glória
Inda é menos que o Carcome em proezas!
Oh Galés, onde estais? Forca, que fazes
Que não penduras em teus paus o Pato!

A planta que entre todas multiplica,
E mais me cresce aqui, prospéra e sobe,
É Sandeu dos Sandeus a parasita;
Pega-se ás outras, e lhe chucha os succos:
Que emblema, filho meu, de tudo, e todos
Quantos em Lysia alvar vegetam troncos!
Não vivem do que é seu, vivem dos outros.
Do reino mineral contempla agora
Alguns nobres metaes; ólha ouro em bruto
Pegado a terra inerte, e a duras pedras,
Que nunca se empregou da vida em usos:
La tens na sociedade imagens d'isto,
Tens cofres de milhão pegado a pedras,
Que insensiveis aos ais, ao pranto, ao lucto,
Eternamente ferrolhados jazem;
Não servem para si, nem para os outros.
Ólha cem barras de pesado chumbo;
Imagens são de corpolentos Burros
Tardos de corpo, e de miôlo tardos,
Da humana sociedade inutil pêso:
Taes Conegos da Sé dizimos comem,
Do côro á tasca vão, da tasca ás Putas;
O corpo arrastam rochonchudo inerte,
Com rezas machinaes zangando as almas
Dos defunctos que á Sé seus bens deixaram;
Com rezas machinaes, que em quanto a boca
Salmeia e desafina, a alma voando
Ou lhe anda na taverna, ou na mesada.
São pesados qual chumbo os Impostores,

Que os tomates ao Mundo andam quebrando,
Ou com longo aranzel de heroes fidalgos,
Ou com subidas ideaes valias.

Basta ja de jardim, vamos á sala
Onde conservo apuros de gravura.
Tens muito que admirar nos Quadros-Mestres:
Ólha bem p'ra o Congresso de Vienna:
Nota a postura, e ve como em cadeira
O cagão do Palmella está sentado;
E como logo á frente se fez pôr,
Qual, se de todos, o primeiro fôra.
O garbo com que mostra na cadeira
Aos outros um papel, que ninguem ólha.
Qual seja esse papel, talvez, perguntes?
É a vil *concessão*, que fez a Castlereagh,
De os Vasos serem nossos visitados
Dos mares, por Albion, em toda a altura;
E ser defeso aos Lusos o comprarem
O que bem lhes convenha em seus Dominios.
Ólha aquelle que ao Lord beija o trazeiro,
O Saldanha ou Conde é de Porto-Sancto:
O outro o Lobo é, Prusso de origem:
Por servir ao Congresso, todos Condes:
Eis a Cafila, que expediu o Araujo;
E de expedição tal os resultados:
A todos no Congresso o cu beijando;
Pedindo a todos o cabresto e albarda;
Cayana dando aos que nos roubam tudo;
Ficando sempre nós sem Olivença:

E ousa este Bugio inda pintar-se
Em Quadro tal, que de todo bórra,
E aquelles que taes Bêstas la mandaram?
Ólha aquella parede, é toda cheia
De Lords grandes, e pequenos Lords,
Meio corpo estes teem, e aquelles todo;
Um corre em Talavera, outro é sentado
No mais alto da Linha a ver Francezes
Jogando no Sobral bola e chinquilho:
Este ao Porto chegou depois que o Franco
Carregado de alampadas s'esgueira,
Com tigelinhas José Pedro o mostra,
O Senado entre paus com tres bogias,
O Barão do Sobral com vidros varios:
Ei-lo n'um lenço de tabaco expresso;
(Isto agora é mais fino, é obra d'elles
Ticianos, Britanicos Carraches!)
N'um marotinho a Badajoz escala;
N'um chale a Burgos o castello toma;
N'uma caneca em Salamanca ceia;
N'um taboleiro de Xarão bastardo
De victoria em victoria, obtem victoria:
La vai n'um bule caminhando a França;
Na manteigueira se aquartela em Vera;
N'uma escovinha o Bidassoa passa;
Ataca Arispe n'uma carteirinha.
Anglia d'esta arte o Heroe produz em tudo;
De Lamparinas n'uma Caixa expresso
Lança os pontões nas aguas do Garona;

Em Panninho estampado, ei-lo em Tolosa;
N'um *Bidet* de amarello entra em Bayonna...
Sem que elle ao rabo d'uma chuça lance
A mão robusta, os ossos desconjuncte
A tanto artista que o produz em cacos,
Em lenços, em papeis, em gesso, em trapos.
Ora fechemos a revista ó filho,
Que estou cançada de fallar-te agora;
Outro dia verás os Monumentos.»

FIM DO QUARTO CANTO.

CANTO QUINTO.

Os Monumentos da Sandice.

— «Quero ó Sandeu satisfazer-te essa alma,
Dando-te a ver eternos Monumentos
Do meu potente braço e mente obtusa:
Tu sabes quem eu sou, sabes que a Europa
Ha muito tempo minhas leis acceita.
Que eu n'alma dos Philosophos mettida
O grande architectei projecto insano
De desterrar do Globo honra e vergonha:
Eu me encaixei dos Sabios no miôlo,
N'elles a ideia lisonjeira excito
De uma frugal Republica assisada:
Soube que em França o reformar Govèrno
Era na areia apresentar c'os Bodes:
Do dicto ao feito vai grande intervallo;
Era bella Republica sonhada
Em meu filho Mabli, meu filho Jacques:
Se os costumes são bons as Leis teem fôrça,
E se teem fôrça as Leis iguaes são todos:

As Leis n'uma Republica teem fôrça
Se os Chefes annuaes do Throno passam
Para a charrua, para o campo herdado :
Fiz que Jacques fallasse em Curio, em Bruto,
Em Cincinnato, Scipião, Serrano;
Fiz-lhe dizer que o titulo — *Virtude* —
Inda era mais que Principe, que Duque;
Que so no tempo de uma justa guerra,
Empunhasse o bastão justo guerreiro,
E que acabada a escarapela, logo
Depozesse o bastão, findasse o mando,
Fôsse couves dispor, cavar na vinha,
E comer nabos com presunto em casa,
No tribunal das Leis, igual aos outros,
Que uns impalpaveis átomos se dizem
Qual se diz um Poeta, e um Jornalista !
Oh ! que cousa tam boa e tam piquante
Em miôlo Francez, que ferve ó filho,
Que so na superficie embica e pára,
Que em calculos moraes manqueja sempre,
Que os homens so na plebe apalpa e observa,
Que das paixões a progressão não sente,
Que tirado da *Quadrilha* e *Pirouette*,
Da moda e *Calembourg*, o resto é nada.
—« Tóca a fazer Republicas nos ares
(Disseram todos) e surriu-se o Jacques
Do Pantheon Nacional na cova escura :
De Ovidio o cahos retornou meu filho,
Do Estado-social os elementos

Andaram todos em continua guerra:
Dos Estados-Geraes fui eu correio,
Eu lhe elevava os destampados Membros:
Convenção-Nacional foi obra minha;
Aqui tens em relêvo as Sessões suas:
Rebentam bandos de partidos loucos,
Maratistas são meus, e os Brissotistas;
Ólha o partido da Montanha em grupo,
Tudo em pedra infernal gravado eu tenho.
É cria minha o gran' Robespierre;
Aqui tens n'este grupo o seu retrato;
O mais notavel Monumento é este
Que em França fez, e que aturou Sandice;
As frentes duas, que lhe ves dos lados,
São San' Juste, e Coton, mimosas crias
Dos Moralistas de París os Mestres,
E Professores da *Igualdade* foram;
Quasi os homens iguaes iam fazendo
Pelos pescoços cerceiando a todos!
Ólha em pedra volcanica esculpida
A Guilhotina de um Galeno invento,
Ligeira qual um *récipe* no golpe,
Ferrinho abaixo cabecinha em terra:
Aqui me tens em marmore sanguineo
Retratada a mim mesmo, e os meus Juizes,
Votando á morte no processo infausto
O misero Luis!... Ólha de enxofre
Este grupo rarissimo, que eu guardo,
É todo o Reino do terror em pêso!

Tudo acaba ó Sandeu na Guilhotina:
La vai n'um carro o Dictador dos Tigres
Que ia deixando a França sem Francezes;
La vai co' a tromba e queixos amolgados
Robespierre o *bom*; ólha o carrasco
Como contente está, como estirado
De barriga no chão deixa o marmanjo,
Mostrando a frente ao Povo soberano
Que se deixa albardar de mais quinhentos,
Com cinco *Paes da Patria* os Dictadores.
Eu dei aos Alemães chefes Pedreiros;
Mack é meu filho, meu parente Melas;
Abre á Victoria a Pedreirada a porta;
E sem Pedreiros que vencera o Corso?
  Um grupo em papelão te mostro agora;
É este, filho meu, Padres Conscriptos;
(Eu presidi no seu Congresso augusto!)
A louca Egypcia expedição decretam:
La vão suberbas naus, Chymicos marcham,
Naturalistas vão, Barbeiros correm.
A Canzoada sabichona uivando
A eschola vão abrir de Alexandria,
De Jupiter Amon medir os cornos,
Calcular das Pyramides a altura,
Abrir canaes do Nilo ao mar da Persia,
Para ir buscar lencinhos de Surrate,
Deitar fóra os Bretões da aurea Malaca,
A Marselha trazer canella a rôdo,
Conquistar o Indostão, tomar Bengala,

E a Marítima paz firmar d'esta arte.
Oh que projectos meus! Que asneiras minhas!
Eu ia triumphar, destino avesso
Fez voar a Abukir Nelson n'um sôpro;
Eis a cambada dos Barbeiros toda,
Os Chymicos de trampa, os Impressores,
Tudo em vasa-barriz dentro em tres dias!
Ficaram por medir cornos de Jove;
Foram-se os lenços de Surrate, e foram
Oitenta mil Francezes pelos ares.
Com minhas azas o cobri, na praia
De França o puz, e merecendo a forca,
Consul ficou, deu cabo dos Quinhentos.
Meus maiores tropheos d'aqui brotaram,
Com que esta casa enchi de Monumentos.
É feito Imperador, e a Terra é minha!
Regalei-me Sandeu de ver Francezes
Democratas da França ha so dous dias,
Da Liberdade c'o barrete esguio,
Mudando o *Calendario* o nome aos mezes,
Das Tuillerias nos Jardins alçando
Ao Creador Omnipotente altares,
E um Sacerdote de casaca pondo
Sôbre elles para azeite, e por esmola
Tres francos e tres soldos, tres espigas,
E do Champanha um cangirão vidrado;
Alçando templos á Velhice, e a Marte,
Elevando um Courão Sacerdotiza
Da Natureza ao Templo c'um chouriço,

Como emblema allegorico que mostra
Esse canal que multiplica os Entes!
Regalei-me Sandeu de ver a corja
Que as leis fraternas de *Igualdade* abraça;
De antigos pergaminhos queimadora,
Que buscava anciosa última tripa
D'um Conego ou d'um Frade esbarrigado
Para enforcar um Rei que inda existisse...
Sujeita a Condes, a Barões e Duques,
Que vira na taverna, ou nos açougues,
Medindo vinho, um porco espatifando,
Ou com ligeiro pente, e com pomada
Dar lustro a caracoes, e a *gaforines*;
Ou quando muito em theatraes alcouces
Serem do Sena os Borges, e os Fernandes,
Em baixo sóco Theodorico, e Sanctos.
Regalei-me de ver suberbo o povo,
Mais que o de Roma soberano e livre,
Com ferreo jugo, com servis cadeias,
Puchar de Bonaparte o carro, e os cornos.
Ólha n'um camapheu Bastilhas oito;
Da *liberdade* monumento augusto!
Alli sentada está Philosophia:
Coçando o cu, Republicas sonhando,
Mabli, Montesquieu, Jacques n'um canto
Choram seu tempo, esperdiçado em livros,
Que em dormir, em beber melhor gastaram;
Porque os Francezes, dançarinos sempre,
Tanto sentem o pêso ás vis cadeias

De estranha servidão como as doçuras
Da *liberdade*, sem vergonha saltam
Na taverna, e no carcere contentes.
Se teem theatros viva Bonaparte;
Se theatros não teem, morrerão todos
Indaque fartos, e que livres sejam,
Como era um tempo o Bátavo bojudo
Deitado em queijos nos milhões cuidando,
C'o cachimbo na boca, o cu nas calças,
Em quanto a frota do Borneu lhe chega,
E desenrolha de Constança o vinho.
Ólha n'um grupo os toleirões do Rheno,
Reisinhos de mão morta, e vis bonecos,
Que Bonaparte na maromba escancha:
As Leis da Convenção dictou meu filho
Que a porrada fatal do horrendo Russo
Mesmo dentro em París metteu no abysmo.
(Inexoravel Alexandre e duro,
Mais generoso que Alexandre antigo
Da França me enxotou; talvez do Globo.
Corramos a cortina ao quadro triste...
Bonaparte no chão, Sandice em terra!)
Deixemos grupos taes, que são mysterios,
Em que tu Sandeu-mor, não mettes dente.
Da margem do Danubio ao Manzanares
Agora vira a proa, ou vira a tromba;
Que aqui junctos verás bocados d'ouro,
Obras do braço meu na Côrte Hispana.
De sette palmos n'este corno observa

De embutidos de corno a Historia toda,
Do sabido Godoy, Godoy montado
Muito a seu salvo n'um Courão ja duro:
D'este cano Real correram todas
As desgraças da Hespanha, e até da Europa.
Aqui joguei de mão; ve que bolada
Tam ventajosa á Pedreirada minha!
Liança fraternal, Carlos, e o Corso!
De septi-palmi corno o lado opposto
Contempla agora com buril de Mestre;
Ólha esculpido La-Romana, e tropa
Que aos gelos vai do Baltico perder-se;
Sangria que atenúa, e que enfraquece
O corpo colossal dos vis Caragos.
Ólha á surrelfa as praças empalmadas,
Do sangue Luso a prêço hoje remidas.
Pódes crer meu Sandeu, que eu quasi toda
Me espremi, me vasei por cima e baixo;
Metti-me toda de Godoy nos cascos;
Toda em Fontainebleau me vim co'a fôrça
De meus discursos burricaes na sala
Em que a grande partilha e reinos novos
Traçou de toda a Lusitania o Corso:
Á Raínha tocou, que foi d'Etruria,
Porção septemtrional do Luso Imperio:
Ao zarolho Godoy dos Algarvios
A terra fertil de alfarroba e praga:
Tal dos Orphãos Juiz foi Bonaparte:
Mas não tiraram cartas de partilhas.

Co' a cornea frente annue baboso Carlos,
E a farrapagem Girondina marcha.
Todo este arcaz de Monumentos cheio
Conservo da jornada, e effeitos d'ella.
Desde que o mundo existe, e eu sou no mundo,
Nunca victorias e triumphos tantos
Eu pude conseguir da especie humana,
Quantos em Lysia consegui co' a entrada
De um bando de ladrões descalços, rotos;
Até da asneira resentida estava
A madre Natureza, encheu de lucto
A carantonha com trovões e chuvas.
Eu tinha preparado a entrada sua,
Que não podia ser mais que obra minha,
Co' a Pedreirada estolida e vasia,
Que desde a Capital mandava em tudo:
Poucos eram de fóra os bons Juizes
Que meus não fôssem se Pedreiros eram;
Quasi todos por marca, e por bitola
Eu medi de Manuel Borges Carneiro
Aguazil de Vianna em Alemtejo,
Que aos quatro de Gibão Vereadores
Discurso Ciceronico repete,
Que estimo e guardo na redonda lettra.
Estes os Pais da Patria; á Patria abriram
Vastos canaes para a ruína e morte.
Ei-los no barro do Doctor Milagres
Effigiados Generaes observa,
O Gran' Duque Junot, Maneta, e Sucia.

Oh que suberbo grupo em greda fina
Da casa do Quintella, e do Bandeira!
Que papa fina os capatazes acham!
Ve como em roda de Chinez bofete
Peruns atacam, Patos atassalham,
O Carcavellos, e o Bucellas fumam,
Quando attento copeiro a rolha arranca.
Ves Cações de Excellencia e Senhoria?
Fazem honras da casa, as honras deixam,
Que a opinião foi pôr nas pernas d'ellas.
Ve dos Castros os Netos, dos Saldanhas,
Beijando o cu dos Histriões da França!
Ah! nunca eu tanto conheci quem era!
Ólha n'um casco d'Ónagro silvestre
Dos Tres-Estados a Sessão gravada;
Eu, que Sandice sou, tal não podia
Soffrer, levar á cornea paciencia!
Que orações, filho meu, que cumprimentos
Prepara a Sucia que hade ver Bayonna!
Dô Barão do Sobral la vai o filho,
Que o povo Luso representa todo!
O Lettradinho Frota, auctor da Arenga
Foi, que o Pastrano recitou contente:
— « Eu mestre da aduela um Rei proponho
Como os Polacos n'outro tempo tinham;
Rei de tirar e pôr, Rei de tarracha
Se acaso servir bem, sirva no Officio;
Se acaso servir mal, quartos na rua:
Palmella quer Junot, outros Eugenio. »

Oh Irmandade da borracha e copo,
Do milagroso San' Martinho Bispo,
Nunca em vossas Sessões tanto se asneia
Como os Confrades que o Reisinho pedem!
N'esta pelle de um Burro retratados
Os Asnos todos ves que até Bayonna
Foram pedir um Rei, pedir esmola,
Depois de feita a Commissão d'asneira.
Acolá ves um grupo de Fidalgos,
Que, sem os obrigarem, se alistaram
Para o Corso servirem contra a Patria:
La os ves em Grenoble encurralados,
Para instruidos serem, quaes recrutas;
Tam ignorantes Bêstas elles eram:
Porêm sempre dizendo (apezar d'isso)
—«Que mais gostoso lhe era um Heroe servirem,
Que ao basbaque, seu Rei, frade de Mafra (1).»
E isto, porque enforca-los não mandara,
Como elles, ja de muito, mereciam.
Enviados depois á Hespanha foram
Para conductores e linguas serem
Dos que so assolar Portugal q'riam.
E, idiotas taes, e taes tratantes
São, mais tarde, dos Lusos os Ministros?...
Um Dom José do Lavradio em nome,
E muito mais no amor do vinho d'elle;
Que Deputados dous!... Volta meu Asno,
Ve n'esta tampa de um bacio a effigie
Do guerreiro Junot de pe na sala,

Qual pae (Lagard o diz) entre os seus filhos:
Nas mãos *reaes* os osculos recebe:
(So lh'os deram Cabrões, lh'os deram Putas;
Tambem lh'os dava illuminado Abrantes!)
Os parabens do seu Ducado acceita;
A Conselheiro do La Garde exalta
Reicend o patifão, chefe de Espias,
Policarpo Manuel seu Jornalista.
N'este bispote de meu uso observa
Um caso todo meu, digno e famoso.
Dom Pedro peregrino o Heroe da peça,
Digno pastor de Salvaterra, o tolo;
(E o foi por certo, porque foi Vicente)
Olha-o no sancto pulpito escanchado,
De San' Napoleão prégando a vida,
E as virtudes do Sancto achando impressas
No grande Imperador, que é de seu nome;
Porêm não teve por esmola a Forca
O eloquente Chrisostomo de merda!
Ve n'este cagalhão petrificado
Com arte mestra retratado ao vivo
Dos tres bons Principaes o Consistorio,
C'o braço alçado fulminando raios
De excommunhão maior, se alguem nas ventas
Désse c'um corno dos heroes de Jena,
Monumento immortal que é meu, que é d'elles!
Se demandados a desculpa embutem,
Disfarçados em si fugissem antes,
Que quer dizer, se escamugissem Burros.

De Potassa gelada ólha estes Bustos;
Da direita Junot, da esquerda Stockler,
Sentado o Franco, acocorado o Luso,
O ar pensante de um profundo sabio,
Ou tolo, mostra alvar Naturalista.
— « Olhe Vossa Excellencia (em tom gelado
Lhe dizia o Sabujo) é este o bairro
(E as Pedras negras lhe mostrou c'o dedo)
Dos Joões dos Josés, mais das Marias,
Gravadinhos ao vivo em metal louro:
Aqui póde cavar que a beta é certa;
Quasi aqui todo o Potosi descança;
Rios do Sena para aqui correram,
O Serro-frio e Cata-preta jazem;
Aqui mande cavar Herman mineiro,
E mande que Timtim lhe cobre os quintos.
Ora va Rua abaixo á Magdalena:
Aqui jaz outra mina em terra porca;
Indicio é d'ouro um presuntinho á porta.
La vai correndo um fio, e pare aonde
Lhe der o cheiro de bacalhau nas ventas:
Aqui acha grãos de ouro, e grãos de carne,
Se os quizer apalpar, taludos globos!
La vai a veia escorregando á praia;
De ser porta de mina é certo indicio
Ter alcofinha de feijões á porta:
Entre pilhas de arroz jazem cartuxos.
Se for com facho acceso á terrea alcova,
E vir enxêrga esburacada, apalpe,

Que sôbre burras jaz pejadas de ouro.
Vire de bordo, venha aos Capellistas,
Alguma prata teem, platina muita,
Oiro-pel quasi tudo, e talco immenso;
Pois nem tudo o que luz na mina é ouro.
Vamos ávante farejando as minas,
Um repiquete subterraneo faça;
Surja de um cano pela Augusta-Rua,
Se Chaves, Bastos, Guimarães, Viannas,
De môça e quinta em fofas se não mettem,
(Em theatro tambem) não falha a mina,
Mande depressa que o Timtim cirande,
Verá que d'ouro na gamella fica,
De lã vendida, e tosquiados tolos.
Nas travessas de um lado, e d'outro lado,
Veja se ha terra de Israel, que é certa
Colheita de metal, *com que abundança!*
Bemdicta terra de Judeus, que é farta!
Aonde existe Synagoga ha ouro:
Das palhas a travessa apouta o Mappa;
Da Tribu de Izacar esta a morada;
Não é possivel, não, cavar mui fundo;
Teem poucos trastes, roupa de Francezes
Os errantes Judeus; mas teem *quatrine*,
Estes adoram como um Deus da terra:
Não sei se teem razão; mas deu-lhe o sestro
Desde o momento que o Bezerro d'ouro
Pozeram n'um altar, no cu beijaram.
Prosiguâ-mos a viaje, ouro busquemos;

So este é d'um Francez Idolo e Nume.
Por esta encosta do Chiado, as betas
Grandes e fartas são, pôsto que occultas.
Debaixo de chapeos de agouro e morte
Onde a *Folhinha* se fabríca e aponta
Um San' Napoleão de Agosto a quinze,
Ha ouro em barra, espherica chapinha.
Não basta so cavar á superficie,
Que esta mina é manhosa, e tem recantos:
Se não bastar Timtim que cobre o terço,
Do La Garde nas mãos se entreguem todos,
Que os ha de espiolhar com mão de mestre.
   Deixemos esta scena; ólha em coqoilho
Duas matronas como as mães dos Gracchos,
Ambas Cornelias são, Cornelios fazem,
Anna Felicia, e Madre Catherina;
Esta do Pinto, do Seabra aquella
Dignas esposas, d'este reino Harpias;
Uma em versos cuidando, outra em presentes;
Ambas cardando pretendentes ocos.
D'ellas a par verás la outro par;
Do Mangoalde Rendeiro é uma a filha;
A outra do Brainer é myrrhada cria;
Em Italia e Lisboa Cações célebres:
Á nymphománia ambas tam sujeitas,
Que até mesmo la uma no Theatro,
(Sem caso algum fazer dos que a miravam)
Ao collo do Rendufe se lançou.
Ólha aqui n'esta lamina de gesso

Da Morcegal Caterva, ordem do dia
Do novo General Luso-Britano;
De meia lingua os Batalhões mandando,
Onde nem todo Inglez, nem Luso todo,
Mas tolo estreme, se nos mostra o tolo!
Inda mais esta nos annaes da Asneira,
Depois das luminarias, e dos chuços,
Á gran' Lisboa guardadinha estava!
Menos foram do Egypto antigas pragas,
Ja faltam cornos que metter na boca!!!
N'este craneo de um Burro ólha esculpida
A Juncta toda da Vaccina immunda:
Na testa Mello, e Franco, e nas queixadas
Escarranchado Bernardino guincha.
De ranhosas crianças um cardume
Alli berrando está, porque a lanceta
Ja lhe anticipa o contingente achaque,
Que nem a todos Natureza impinge,
Nem leva a todos bexigal contagio.
Ah! quem podera nos costados d'elles
Inocular-lhes putrida maligna!
E dizer-lhe — «que é bom, porque as malignas
Não tornam mais, se uma maligna veio
Com arte medical jazer no corpo!»
O Secretario da Vaccina envia
Aos mata-sanos o Diploma horrendo
Que o negro Pus nas gerações espalhe:
Se o Bispo chrisma, vaccinando chrisme;
E se o Cura prégar, prégue a Vaccina;

Té na taverna o Bacalhau se venda
Com môlho de Vaccina; os Jornalistas
Todos, todos a fluz Vaccina empurrem:
Vaccine o José Pedro as luminarias,
Talvez não pegue o meedor contagio:
Levante-se um Commum no Parlamento,
— « Que quer Cerveja vaccinada » (grite).
Vaccina é dom do ceo, Vaccina é tudo:
De Londres, de París, e de Lauzanna
Véem, té do Inferno, escriptos de Vaccina:
E vaccinem no Porto até mulheres;
E ja co' a Sancta-Unção triste o doente,
A não ter sido vaccinado, engula,
Inda que seja em pirulas, Vaccina;
Não passe sem Vaccina á Eternidade
D'este trimestre o Secretario o manda!
O tempo vai correndo ó filho, e a noite
Quasi cedendo á luz seu manto enrola;
Muito tens visto ja, muito te resta:
M'numentos nacionaes mostrar-te vou,
E o quanto hoje macacos são os Lusos.
Observa uma Regencia, e os que a compoem:
É o Souto Maior, Carvalho escriba;
E, o synonymo d'Asno, Frade Bento;
É o servo do Junot, Conde San' Paio;
A orelhuda Bêsta do Brancamp,
E o célebre Francisco Maximíano,
So, porque avantal, taes Burros cingem.
A Camara alli stá preparatoria

Aonde os Jumentões váres de Lysia.
Assentado acolá tens o Congresso,
Em o qual ha Brissots no Pedantismo.
Aquella nau que ves n'aquelle quadro,
De João sexto, a chegada, a Lysia indica:
Aquelles que na popa descortinas,
Um dos Regentes é, e um Secretario,
O Conde de San' Paio, e o Maximíano:
Ambos scolhidos foram pelas Côrtes
Para serem d'El Rei os carcereiros,
Ao desembarque oppondo-se, no dia
Proprio, em que elle chegou; não obstante
Ser ainda mui cêdo, ou vir molesta
De tam longa viaje a Real Familia.
Este so, da Convenção, passo tam digno,
Chorar me fez de gôsto, vendo o óptimo
Princípio, que levava a minha Corja,
E stupidos ficando os Lusos todos!
Alli á *Comissão de Saúde Pública*,
Que Robespierre dominava outrora,
Subsistuida verás da *Constituição*
A *Comissão*, que o Fernandes presidia,
Conseguir pretendendo, so com ella,
O que o outro, com aquella, executara:
Ahi do Luso Povo o bem invoca,
Quando, unicos, seus fins obter cuidava;
Qual ja o Mestre Robespierre fizera;
Pois morte dando ao Povo o incensava.
Um Lettrado alli tens tambem Danton,

É o Ferreira Borges peralvilho,
Que, bemcomo elle, sem gravata andava;
E o qual, se ao Fernandes immolado,
Como o primeiro a Robespierre, não fòra,
Na seguinte eleição elle não entrara.
Um Barraz alli ves, um Robespierre,
Que, se á Guilhotina o Rei não enviaram,
Foi porque d'elle obetiveram tudo:
Se mortes, quaes os Mestres, não faziam,
Nem ávidos de sangue se mostravam,
Era porque disposta não acharam
Toda a majoridade da Nação
A se regenerar ás bordoadas;
E que os Conscriptos Padres preferiam
Antes bolsas encher que cemiterios.
Se os Mestres, San' Domingos (2) sublevaram,
Tambem nossos Heroes Brasil perderam.
Se a França, de tripeiros e lacaios
Embaixadores fez e Generaes,
Tambem Lysia tendeiros, peralvilhos
Em Plenipotenciarios transformou.
O Marat eis dos Lusos, e é o Moura,
Que, quando bem tudo ia, um Catão era,
E que o Diabo fallava, gaguejando;
Mas, que da Cria, desmaiou no entèrro.
Fouquieres verás, Peres, Duchesnes,
Gobels, e outros apóstatas chapados;
Verás, emfim, por tudo macaquice;
Mas, o que elles queriam, era comer.

Em Hespanha eu então stava entretida
Ás Côrtes dos Caragos presidindo;
Eis o porque animar não pude a Corja,
Que as mais bellas esperanças dava:
Quantas vezes me não molhei de gôsto
Co' as moções burricaes que então faziam,
Como, entre outras, a do Soares Franco
P'ra a creação da *benemerita ordem;*
Lembrança qu'escapou aos Sandeus Francos!
Da Facção os Ministros tens ao lado,
A distincção, entre elles, merecendo
O ex-professor tysico de Logica,
Ja quando congregado Jacobino
Que em nome de El Rei officiara
Em Londres, p'ra ceder o throno aos Trolhas;
Mas travêsso Rapaz aguou tudo;
Rapaz, que da Sandice é o flagello.
Agora o penhor último de affecto,
De amor e fe te dou por despedida.
Vem ver o Gabinete onde eu trabalho,
Logar d'onde atirei comigo ao mundo
Desde que ha Rêis, Republicas com Doges,
Logar d'onde entornei na França a asneira,
Que inda hoje por la prospéra e medra,
Onde tenho o bispote, e d'onde mando
De trampa a Portugal a dose immensa,
Desde que a turba Pedreiral se alçara
Fazendo da Gazeta unico estudo.
Do cabresto lhe pucha, anda o Jumento

Atrás da mãe com costumado choto.
No meio do Palacio escura estancia
A Divindade estolida tem pôsto.
Á entrada estão de marmore dous Burros:
Entre as orelhas teem como pennachos
Investigador, Times, e *Sovéla*:
Duas columnas lateraes em cima
Dous meios corpos teem de massa ignota,
O Rademaker são, e o pintor Cruz.
Em dous Bacios se sustenta e pousa
Oval um medalhão de alto relêvo,
Uma Figura tem que anã se mostra;
Emblemas varios tem em toda a roda;
São as *Cartas* ao *Times* dirigidas,
E os que, da escravidão, nos fez *Tractados.*
— *A convenção secreta c'os Inglezes*
(Em baixo diz) Em cima —*Obras do Anão* —
Quem o Palmella não conhece em feitos?
Abriu-se a porta, e s'encaixaram dentro:
A gran'cadeira da Sandice estava
Na meza, em que medita uma Gazeta,
E na parede o Conde de Palmella!!!
Abre a boca de palmo o vil Javardo,
O Gabinete da Sandice vendo,
E, mais que tudo, embirra no Palmella:
A mãe, que o Burro viu de orelhas froxas,
E os quatro beiços seus postos nos rizes,
Signaes de pasmaceira, assim lhe exclama:
— « Causa-te assombro, ó filho, este retrato?

É meu maior brazão não por Ministro;
O Canning o pediu, sostem-no Canning;
Patifaria elle ha deixado incerta;
Ja, na dos Francos invasão, salvando-se;
Ja co' esta, hoje dos Anglos, ganhando.»
Disse: ao gasnate do Sandeu lançando
Robusta e longa mão, nos ares voa,
E mansamente foi a pés e pêllo
O Javardo outra vez pôr na posilga:
Inda o deixou dormir, foi-se, e sumiu-se.
Entre silencio e escuridão profunda
Cuidou no prémio que aos Heroes destina.

FIM DO QUINTO CANTO.

CANTO SEXTO.

A Transformaçam.

Em quanto os Asneirões a pança enchiam
De vinho carrascão, de podres ostras,
Nunca os deixara a mãe, bemque o Javardo
A seus passos levou: d'ella foi obra
Do gran' Palmella o traçadinho plano
Que ella, ha muito, realizar cuidava,
A todos dando o merecido prémio,
Digno d'altos Heroes, columnas suas,
E de seu throno firmes alicerces.
Vai agora ajunctar profundos Genios,
Que espalhados mandou correr Lisboa,
Qual foi de Bonaparte antiga usança,
Quando empolgar queria algum Estado,
Introduzir o enxame de farrapos,
Que nos veio trazer miseria e fome,
Encaixar de antemão Pedreiros altos,
Que os mais honrados animos corrompam,
Que futuros brilhantes promettendo,

Os pulsos vão dispondo aos duros ferros;
Tal Sandice comsigo os Genios trouxe,
Que ao despenho fatal levaram França,
Dando em vasa-barriz co' as Artes todas,
E que o fulgor da antiga Academia
Na trampa do Instituto converteram.
Os Sabios em Farcistas se mudaram,
E os paes da Poesia, os paes da Scena,
Boileau, Corneille, Crébillon, Racine,
Em Fabre d'Églantine se transformam;
É do Liceu-Central Picar o Mestre!
Á conquista mandou dos Portuguezes,
Assignalou-lhe os póstos, e ficaram
Ja senhores do campo, e da victoria;
E quer Sandice organizar o reino
Em tres minutos, qual Junot fizera,
Com Ministro dos Cultos e Finanças,
Intendente d'Archivos, e das Mattas;
E, transformado em A' Court Junot sendo,
Torne a ter Portugal logar no Globo;
E se Hérman, ou La Garde ora, não temos,
Possuímos Brancamp, e o Xavier Candido;
E se nós Lusos o Brasil perdemos,
Porque assim nossos protectores querem,
Uma *Carta* possuimos e duas *Camaras*,
Da Hispanica influencia tambem livres.
Assim formava o Reino, assim Sandice
As bases lança do seu vasto Imperio,
Dando aos Genios que trouxe emprêgo e estado,

Querendo que os que mais Junot serviram,
Tambem sirvam A' Court, e Canning sirvam.
Araújo, Cabral, Gravito, e Castro,
O Jumento dos Bentos, dos Synonymos,
E o Sotaina Abrantes Mor-Eunucho,
Do Conselho d'Estado sejam todos:
O Trigoso ja o é, e outros muitos;
Pedro de Mello Brainer, o Palmella,
E tudo o que mais ha de sevandija
Quer por fôrça que empregados sejam.
So, porque além de Béstas, são Tratantes:
Quer que nas Eleições s'escolham Nobres;
Mas so Nobres bastardos e pedantes,
Taes como um Saldanha, ou um Almeida,
E o gran' velhaco Conde de San' Paio;
Isto, para impôr á Burrical turba.
Ao conhecido apito accodem todos
Co' a mesma promptidão com que em Theatro
Os carpinteiros bastidores mudam.

Não mui longe onde Aguas-livres nascem,
Enorme casarão deserto existe;
Entre as velhas do paiz é fama antiga,
Que um, que do Pará volvera, Bode,
Vinte e seis cornos retorcidos tendo,
Alli viera parar, e alli ficara.
É fama que em cardume as Bruxas todas,
C'o Bode mestre Synagoga tinham,
Todas, uma por uma, indo bem pagas;
Mas ficando alfim prenhe a Superior.

N'este palacio pois, digno das Fadas,
Fez profundas Sessões, traçou seus planos
Quadrupede Ministerio de Lisboa;
Todos quatro manhosas alimarias:
Um ja vendido a Patria tendo ao Corso,
E a casaca depois mudado ao mesmo;
Outro, que tanto para um novo Rei,
O req'rimento promovido havia;
Mas que, depois, de Vienna no Congresso,
P'ra a extincção do Corso, foi da Sucia,
Porque ja a esse tempo Albion pagava:
Aquell'outro o Maçonico Patricio,
E o, finalmente, dos Bretões Caixeiro.
D'esta Sucia tambem era o Rendufe,
A quem Sandice, sem olhar a gastos,
Fazia de noite vír, còm mudas oito,
Para mais impôr, melhor do Bode
E das Bruxas o tesão servir, e o cio;
Por companheiro tendo uma das Bêstas
José Vas, ou Vasconcellos Brigadeiro.
Sandice este local ainda escolhe,
Porque alli grandes cousas se passaram:
La a Corja, c'o Stuart, ao Rei extorquem
A, do Throno, e do Reino, espoliação,
Com que, ao infeliz Monarcha, a morte deram.
Aqui pois n'um Salão assás immundo,
Onde amos, amas, e os criados mijam,
E onde, para a meza o jantar indo,
Bispote encontra, que á janella vasam,

Subito á voz imperiosa surgem
Os Genios d'asneira e tratantice :
Fez-lhe aceno a mãesinha, e se assentaram.
Na Poltrona maior Sandice estava,
Ergue a voz de um Courão, berrou dest'arte :
— « Filhos d'esta barriga , onde anno e dia,
Quaes os Burros vegetam , vegetasies ,
Dai conta do que vistes, e do estado
Da minha e vossa capital dai conta.»
Do Congresso de Vienna o carrapato
Fallador sempiterno , assim começa :
— « Ó mãe alambazada , ó mãe roliça ,
De Lisboa a conquista era ja nossa ,
Mas tudo hoje transtornado vejo;
O Rapaz , que d'aqui sahir fizemos,
Começa a dar-nos que fazer; á lerta !
É preciso que a mãe , e os Burros todos
Os podêres me deem illimitados ,
Para que aos nossos Socios orelhudos,
Tanto de França , d'Austria , d'Albion tanto ,
Os asnaticos planos communique ,
Que a Burrical Sucia hoje medita.
A maior guerra , meus amigos, crede
Que , com fructo , fazer-lhe hoje possamos ,
É declarar á Irmandade toda ,
Que nem é Trolha , nem amigo d'ella;
E para que nem mesmo se suspeite
Fôra d'Eunuchos , e Serralho victima ,
É preciso faze-lo um regicida.

Se em outro tempo o assassino Abrantes,
Que transplantado no Tamísa fòra
De Lysia á custa, la dizendo d'ella
Cobras, Lagartos, maldição e raios,
Os planos meus, á risca, assoalhava,
E so de Lançarote, ora servindo,
Com nossa utilidade, emprêgo exerce,
Burro e Burro alvar em Londres temos,
Que, qual o Abrantes, de perjuro ha feito,
E tambem, como elle, é bem pago:
Este, no seu ensosso Padre Amaro,
Todas quantas asneiras produzirem
Os Trolhas jumentões, enxirirá.
Se em Londres *Investigador* não temos,
Dinheiro existe p'ra comprar o *Times*,
E todos quantos no Tamísa escrevem:
O Canning mesmo, ja de muito, é nosso:
Não, não ha Burro que mais alto orneje;
E, qual outrora a protecção do Corso,
Será hoje tambem a do novo Eólo.
Se não temos em França *Annaes fedentes* (1),
Ou, da Sandice mãe, *Contemporaneo*,
Constitucional, *Correio*, *do Commércio*,
E dos *Debates* o Jornal são nossos:
Tudo que na *Minerva* parte tinha
Benjamin, Étienne, e a Corja toda
Da Sucia Pedreiral, é partidista:
Que mais nos falta ó mãe? Não foi d'esta arte
O nosso Imperio confirmado em França?

Os *Papeis-periodicos* conservam
Em si virtude de fazerem tolos
Os, n'outro tempo, portentosos Lusos. »
— « Ah! não teriam dobradiça orelha,
Se aos *Papeis-periodicos* so dados
Eu os podera descubrir (bradava
Das tediosas traducções o Genio)
Quadrupedante turba de Jumentos,
Suada a orelha, o lombo em carne viva,
Cangalhas e ceirões de livros trazem;
Atrás o Burro traductor caminha:
Desde o triste Academico vasio,
Até a um vérme cirzidor de trovas,
Tudo traduz, traduz, traduz e vérte.
Traducções tambem faz Pedro de Souza,
Do Calhariz pygmatica trampinha:
Como em Roma nasceu, e é bastardo,
Emporcalhar quiz os Lusos classicos,
Em pessimo Francez Camões vertendo;
Tal a mania é da Burra especie,
Pretender explicar aos Estrangeiros
O que elle mesmo traductor não sabe.
Em perfeito lethargo o Gòsto existe,
Coripheus, sabichões, traduzem, vertem;
N'isto se escoa, e se consome a idade:
Estudo é traduzir, verter ingenho;
Até de Castelhano os Livros gordos,
Eu não sei para que, tambem se vertem;
O mesmo Reino traduzido existe,

Não é original, verteu-se todo:
A lingua um tempo pura, agora é porca,
Mascavado *jargão*, que não s'intende:
Tinha os costumes sãos; mas traduziu-se
Em Loulés, Palmellas, Villas-Flor, e os mais
Por quem chora o Garrote, e a Forca berra.
Depois que eu dominei, (tornava ufano
O Genio Pedreiral) eu nos abysmos
C'os Costumes preguei, preguei co'as Lettras:
Eu fiz dos Lusos toleirões malvados.
Com ar sombrio e estupido caminha
Ingente turba de Sandeus Mondegos,
Que debaixo da borla asneiras guardam,
Com que planos politicos traçando
A Seita a que prezido inda dilatam;
Ella nos corações vérte a maldade,
E de tolice dessorados deixo
Sempre em lastro volcanicos miolos.
Eu treze Lojas em Lisboa tinha;
E tinha a Loja mãe, d'onde surdira
A turba que apupada ás vélas dera
A ver o gran' Castello, onde algum dia
Vegetar se mandou o Sexto Afonso.
Depois que em Lysia levantei meu throno
Da terra afugentei Vergonha e Lettras:
A Cartilha se leu de Bonaparte;
Opprimir e roubar, este o talento,
Que intentei dar aos nobres Lusitanos.
Eu presidia á Loja dos Vicentes;

Huet, o gran' Chanfana, o gran' Loretto,
Leitores eram meus: oh que discursos
De Fradesca eloquencia eu lh'escutava!
Que facundos Demósthenes d'asneira!
Que provas d'*igualdade*, e de *miseria*,
A que eu procuro reduzir o Mundo!
Com que vontade eu fiz que recebessem
Os Protectores inclytos da Terra!
Que prazer, minha mãe, no rosto eu via
De cada papelão Frade Vicente
No dia em que pediu milhões quarenta
Da fresca Abrantes Duque Esganarello!
Que Vicentes, oh mãe! co'as Lettras deram
Dentro em vasa-barriz: ó mãe, que Frades!
Um so Vicente que nos reste, existem
N'elle dous animaes—*Pedreiro* e *Burro* —
Da Fradaria a jumental Caterva
Tam alto não zurrou como os Vicentes:
Se entra o *grande* Junot vendem a pêso
A luminosa Ordenação do Reino;
Se os Francezes se vão, compram Fragatas,
Com que a si Burros paes, Pedreiros mestres,
Na requestada America se salvem,
E la vão transplantar bazofia e trolha.
Tambem faz sucia do Lacerda a Cria;
Maiormente depois que o Pae e Bárradas,
Da Sé da Guarda o fizeram Conego:
Parente algum não houve, ou *ser dourado*,
Que de Pedreiros taes não conseguissem

Qualquer logar, e até sobrevivencias;
Chegando a tal o seu descaramento,
De, a Londres, fazer ir o Irmão Thomé
Para delapidar as Lusas Tropas
Do que lhes tinha bem e bem custado;
O Bulhões não esquecendo ao Barradas:
Tal o patriotismo é d'esta gente,
Quando nos logares stão e la se acham!
No Grego Botequim tenho um palacio,
Que no Caes-do-Sodré cem portas abre,
Por onde os Tolos véem, Bebados surdem:
D'alli novas fataes Pedreiros lançam;
Alli se fórma exército potente
De cabouqueiros mil, d'enxofre e ferro,
Que Canning expedir faz da Ilha d'Álbion,
Á testa d'elles vem, restaura a trolha,
E logo, para os Tórys trahir, volta.»
Dos Membros Academicos a conta
Aqui chegava ja, e a mãe Sandice
Por entre as pernas se babava toda
De gôsto, e de prazer, vendo os progressos
De seu Imperio, da influencia sua:
Nada mais quiz ouvir. E vendo a Lysia
Povoada de estolidos Jumentos,
Vendo turba infinita de Pedreiros,
Por quem braga e galés de balde choram;
Vendo atulhados Botequins de tolos,
Cuja vida é so ponche, é so Gazeta;
Vendo as ruas, as praças, e as tavernas

De infindas traducções abarrotadas;
E vendo a Corja do Sandeu Javardo,
Do vasto Imperio seu firme columna,
Ir incansavel batalhando sempre
Aos couces na Razão, Sabença e Gôsto;
E o verdadeiro exército das trevas
Trazendo a Lysia a noite da ignorancia;
(Mas so elles se dizem sclarecidos,
Os mais todos são cegos e profanos)
E vendo quasi a magra Academia
Como arquejando c'os ilhaes na areia,
Toda empregada em planos de batatas,
E nos legumes militar *étape*,
Que encham de vento a Lusitana tropa;
Vendo a sciencia reduzida a zero,
E universal emprêgo dos talentos
Vaccina de manhã, Vaccina á tarde,
Com Vaccina ao jantar, Vaccina á ceia;
Vendo que Conselheiros são d'Estado
Silvestre o patifão, Brainer o trédo,
O Candido alveitar, Sotaina Abrantes,
O charlatão e apóstata Trigoso,
No Serralho e compasso todos mestres,
Que é o que destingue os Lusos hoje;
Como Cesar bradou, bradava ufana:
— Eu *vim*, *vi*, e *venci;* são meus os Lusos! —
Vós, (aos Genios bradou) vós formais todos
Alli meu vasto Imperio, ergueis meu Throno:
De meu podêr comvosco hoje pretendo

Mostrar a Lysia que sem Canning é nada ;
Que se a vinha, e os pomares cavâmos ,
E , o que o Pombal creara , destruímos,
Chitas, espelhos e batatas temos:
Que se ao tímido Rei o salariado
Ministro , aos Bretões vendido em Londres,
Quanto ordenava Álbion, extorquia ,
Hoje de Burros haverá Congresso ,
Para , infamia dos Lusos , servir Canning:
Burros que a sua scravidão confirmem ,
As chaves entregando-lhes dos Fortes;
Que as Burras pelos Bifes montar deixem ;
E , que antes mesmo que na relva pastem ,
N'ella mijem Inglezes , n'ella caguem.
Não pôde (Ovidio o diz) Neptuno um dia
Co' a pancada do mádido Tridente
Fazer sahir da Terra um bom Cavallo ?
Não são as Bêstas producções dos Numes?
Eu Divindade universal da Terra ,
Desde que em povo os homens se ajunctaram,
Não sou princípio das asneiras suas?
Quem os conduz ao Campo , e á morte os leva?
Quem Politicos faz , e os faz Poetas?
Quem compõe Periodicos no Mundo?
Quem das Conquistas o furor atiça?
Quem nova trampa , e Carta deu aos Lusos ?
Quem Ladrões Pares do Reino ha chamado ?
Quem Ministro fez Trigoso, e o Brancamp?
E aquelle tam bazofio arganaz Candido,

Da Patria o maior tratante e escandalo?
Quem no Caes-do-Sodré rebanha os tolos?
Quem fez julgar que os Bodes Congregados,
Porque a Folhinha dão de reza e porta,
Porque entortando estupida cabeça,
Sejam vastos Lyceus das lettras todas?
Quem foi que ás Côrtes assistiu de Cadix?
E ao Tio succedeu Orang-outango?
Quem nos Tractados permittiu aos Anglos
Que em alto mar papeis nos visitassem?
Quem na *Minerva*, e *Times* escrevia?
A sã rotina do Pombal mudou
E a dos Lusos, extinguiu indústria?
Quem mandou a Paris Embaixador
O que, mais que ninguem, o cu beijava
A Junot, a La Gard, e a Futres outros?
Dizei não são religiosas Béstas,
De Arroios o Prior, Prior dos Anjos,
Veneravel da Loja-da-Concordia,
Das Putas d'alquiler Ministro e Guarda?
Dizei não são propagandistas Burros
O Rocha, o Wanzeller, Carvalho, ou Annes
O traductor de Tacito não visto,
Doctor dos Grillos, Thomarista agora?
Póde haver, existir, pastar na terra
Burro maior que o Historiador Acursio?
Não é Burro immensissimo o Bayard,
Que ao Corso remetteu modélo exacto
Dos ligeiros Barquinhos de Oleado,

Que Heroes conduzam de Bolonha ás Dunas,
E arvorem no Tamísa a Passarola;
Que em prémio recebeu caixa e ratrato
Do Carrapato Gengiskan cornudo? »
Disse, e muda ficou; mas abaixando
Um pouco á terra a estolida viseira,
Deixou cahir as languidas orelhas:
Por entre os dentes murmurando, escuras
Magicas vozes que escutara aos Fados,
Remuge emtôrno o ar, de espessas nuvens
Mais e mais se encapota a horrenda noite;
Uívam todos os Cães dos Bairros todos:
Como ajustadas porcas cuzinheiras
Todas a um tempo subito lançaram
Aboboradas podres caldeiradas;
Qual o Diabo-Coxo á voz potente
Se levantaram subito os telhados,
E se viram reconditas alcovas:
Mais poderosa que os Diabos todos,
Mandou Sandice, e elevou n'um ponto
Desde a immunda posilga o vil Javardo;
Os socios todos do Sandeu voaram;
E como Astolpho ao concavo da Lua,
Dos Botequins ao Casârão vieram
Quant s Doctores Gazetaes dormiam:
Vem da Terceira o bando tenebroso
De mitra, d'avantal, compasso e trolha.
Tal o podêr da voz da mãe Sandice,
Que, quanto é Burro, em Portugal, lhe accode:

Em Sé nenhuma os Conegos ficaram;
Véem Medicos, e vem o Burro Abrantes;
Véem estanqueiros Judeus, véem os Campos,
Dos Tribunaes véem Bêstas, e véem Becas;
San' Paulo, e Pedro, Militares mandam
Collegios tres, os Burricaes alumnos;
Innumeraveis Papelões de farda;
Tudo, emfim, que compasso e trolha tem,
E que do Burro Mestre o cio affaga,
Sem freio e cilhas ao Congresso correm;
E correios s'expedem ao Estrangeiro,
P'ra que os Burros, que no almargem andam,
Para seus postos, o mais breve, venham:
Tambem ás Ilhas se despacha um proprio
Para, ao Doctor Vicente (2), se intimar
Dos zurros burricaes Redactor seja:
Mas quer tambem, e manda a mãe Sandice,
Que duas estrebarias separadas
P'ra as Sessões burricaes logo se formem;
Para os Burros de raça uma mais alta;
E pr'a os damninhos Burros outra rasa;
E que os Jumentos de cabresto a esperem,
Em quanto d'os da raça á Sessão assiste.
Como Sandice promettido havia
De dar mostra de si, quando passasse
P'ra a abertura das Secções asnaticas,
Ás Bêstas todas da cidade nova,
Dos Fanqueiros, Augusta, e Algibebes,
Dos Capellistas, da Prata e do Ouro as ruas

Juncadas de cevada e feno estavam:
Entre zurros todo este bairro corre,
E do Rocio ao Palacio logo chega,
Onde á espera d'ella tudo estando,
Nas ancas, para a grande sala, a levam,
E cada um, por sua ordem, vai seguindo-a,
Seus logares competentes occupando.
Dos Jumentos a mãe estava, e Deusa
N'um throno ricamente trabalhado
De cascos burricaes tam bem pulidos,
Que corno transparente parecia,
E de Orelhas de Burro, no ar, por cordas
Do gran' *Midas* ao cu suspenso estava
Em, o da sala tope, rubro Asno
Com mitra na cabeça e orelhas quatro.
No banco dos Tratantes, e dos Souzas
Á direita o Roividico Bugio
S'avista primogenito velhaco,
Que de General mono, outrora sendo
Em grande Diplomatico mudado,
E, em segredo, de Turim expulso,
Dous Asneirões de marca la deixara,
Porque assim o pygmeu Cunhado qu'ria;
A París de passage espiar fôra
P'ra serviços fazer á Irmandade.
Seguia-se-lhe o José Matheus Morgado,
Que os Lusos aos Bretões tambem vendera,
E, da Constituição, o Conde, e Cria;
E a banqueta tambem dos Ladrões nobres,

Que tanto ornejavam na Assembleia;
De San' Miguel o Conde, que na França
Particulares roubava, e ao Govêrno;
E que, se não voltasse o Attila Corso,
A cabeça o carrasco lhe arrancara.
E juncto d'elle o Coronel (3) e Conde,
Que do primeiro regimento a caixa
E os caixões empalmara tam bizarro:
Depois o banco dos mitrados Burros
Aonde *Tayllerands* e *Pradts* estavam:
Seguiam-se os Burrinhos, que em pinotes,
Em couces e ornejar se destinguiam,
Da Ponte, e Lumiares dignos Jumentos.
Feitas, do uso, todas as cerimonias,
E a tarefa a cada um designada,
Assim como, do zurrar, modo, e tempo,
Ao grande som de couces e patadas,
Levantado o vermelho Burro, disse:
— « Dignissimas Bêstas Pares do Reino,
Longo tempo ha ja que nós soffremos
O não despedir couces, nem orneios:
Dos Burros a destincção das boas raças
Muito ha, que em Portugal, se não fazia;
Mesclavam-se os filhos d'Egoa, e Burra.
A grande casta dos Francezes Burros
Que a Revolução tanto adjudaram,
Pelos Burros ordinarios e plebeus
Espancados e *massacrados* (4) foram:
Desde então burricaes e dignos Pares,

Tem, dos Asnos de Dom, a grande raça
Em esquecimento e oppressão estado.
Com mágoa era profunda, e gran' tristeza,
(Razão porqu'os Burros se diziam tristes)
Que os nossos burricaes direitos via-mos
Ultrajados de todo, e esquecidos;
Pois macacos e monos attentava-mos
Reconhecidos ser com Parlamentos,
Sendo, aliás, tam ligeiros e volantes;
E nós outros, por natureza, Bêstas
Pensativos, meditabundos, ser-mos
Condemnados a levar, e a dar couces,
E a puxados ser por um cabresto:
Certo é que a teima nossa nos perdia,
Pois que os Nicos, muito ha, eram Mações;
E nós nunca de Burros sahir qr'endo:
Os Álbinos Cavallos, que são girios,
Desejando tirar dos Monos lucro,
Em affaga-los e vestir cuidaram,
Constituição e Rei subministrando-lhe;
E para indemnisar a perda nossa
(Tam justos elles são e providentes)
Constituídos á sua guisa fômos;
Camaras tambem alta e baixa tendo,
Mas, como Burros, d'elles lei nos venha,
E que, a cavallos ser, nunca aspiremos:
A Canning é a quem devemos tudo,
E quem tam ricamente nos albarda;
Os que, ja démos, couces, obra é sua;

Com elles, não ha muito, um Rei matámos;
E Sandice e intemp'rança hoje entretemos;
Mas elle exige que de raça Burro
O character manhoso conservemos:
Que, ao mais leve signal d'espora e látego,
Os couces e pinotes prestes tenhamos;
Quer mesmo, que do Archanjo so á ideia,
Altissimos pinotes, couces dêmos.
Porque, se elle o Diabo ha subplantado,
Muito mais facil domará os Burros;
Visto que Burro algum quer sem cabresto,
Nem que em serviço chontem, ou ornejem;
Forçoso é logo obedecer-lhe em tudo:
Pois, de França a Guilhotina, talvez faça
Assim, um dia, entre nós, progressos,
Republicas, Imperios, tambem tendo.
Titulos temos ja de toda a laia,
Quaes em França tambem agora existem:
A não serem Mações, e a mãe Sandice,
Cardeal eu não fòra, ou Par Botelho.
Tam custoso não é, como antes, hoje
Codigos tecer, ornear em Côrtes;
E bemque o Povo em nós se não confie,
Em nada receiàmos seus Agentes;
Pois, como a nós, governa-os Canning.
Nem João segundo, ou Pedro o Justiceiro,
Causar nos poderão hoje cuidado:
Crime era outrora a influencia estranha,
E hoje estranhos são quem nos domina,

Quem ao Rei, e Cria nossa, tambem regem :
— Seja *comer, zurrar*, nossa divisa. » —
A turba Burrical applaude toda,
E fecham a Sessão a zurros, couces.
Mui gostosa, com isto, a mãe Sandice
Ao Terreiro-do-Paço s'encaminha,
E la juncto da arcada immunda e fetida
Onde, outro tempo, seu Imperio fôra,
E hoje a Burrical caterva zurra,
O costumado signal c'o apito faz,
E logo os Burros a galope entraram.
No vestib'lo da sala um Busto estava
Do sordido Patríarcha o Fernandes,
E. qual Mafoma em Meca, suspendido :
Este, em virtude do íman, se sostinha ;
Aquelle, pelo ar espesso e fetido,
Que a asc'rosa burrical chusma lançava.
Sentados, la no fim da sala, estavam
Dous Jumentos de carga juncto á meza,
E, um pouco mais alto, em meio d'elles,
Com meios atafaes um negro Burro,
Que de Roma, *obrepticios*, vindo tinham :
Burro, do qual as manhas, vistas sendo,
P'ra a nora da Batalha o enviaram;
Mas, buscá-lo hi foi o *architecto* Stúart,
Para dos Ásnos restaurar o Templo:
Para um e outro lado os olhos pondo,
Burros novos e velhos la se viam ;
Os quaes, contra o Brasil, contra o seu Chefe,

Altamente zurrado, outrora, tinham,
So porque expor-se aos couces não queriam;
Mas ventas e fucinho hoje alargando,
Monumentos ao som de couces votam,
Como em França, outro tempo, ao Rei fizeram,
Antes de á Guilhotina o conduzirem.
O gran' Borges, que mais então zurrava,
E ao Principe mais couces despedia,
Hoje, mais pertinaz, n'isto era, que outros.
Entre a récua dos Asnos velhos, via-se
O, das Ilhas gran' Burro, Bentencourt,
Que, ao Amigo, furtara, outrora, a Burra (5):
Via-se o desnarigado, tambem, Medico,
Que escrupulo não tem de envenenar:
Das Hilarias se via o tal sobrinho (6),
Que, de Mor-Asno, que dos Francos fôra,
Para Burro dos Albinos passara:
Via-se das N'cessidades o Jumento,
Ao qual sempre a mãe d'ôlho trouxera
Dês qu'elle no Mondego couceara,
E que a galope p'ra Berlin fugira:
Elle, depois de pretender co'a Sucia,
Com Lisboa e Brasil dar em Pantana,
Para o Sena pastar mandado fôra.
Burros de Tras-os-Montes se notavam,
Burros velhos, e na malicia Zorras.
Do Lavradio, tambem, via-se o Asninho,
Que la no Sena co' a Franceza andava,
E que hoje do A' Court o rabo segue:

Via-se o Burro arganaz, o magro Feio,
Que na França tambem versões fizera,
E que hoje embirra em jumental Republica.
O Barrasco Castello-Branco via-se,
Que no Rocio queimar mandava a gente;
Mas em casa mui bem reproduzia-a.
O Mozinho Asno estava, que a París,
Da cataracta, á extracção fingida,
Do Sogro Burro zorra, assistir fôra,
E no Sena tambem d'auctor fizera.
O orelhudo zurrador Trigoso via-se
Que, dos *bem cazados*, por via da Burra,
Dos Burros conselheiro Stuart alçara.
Via-se o Hollandez maçon Brancamp,
Que outrora deputado ao Corso fôra,
Para de Lysia se dar cabo e conta,
Á manjadoura alta hoje aspirando.
La jazia tambem o Asno Sarmento,
Que zurrar tanto á Ingleza affecta,
E tanto á Angla albarda e freio aspira.
Depois de couccarem á porfia,
E co' as orelhas tesas ornejarem,
O Incenso bestial tendo exhalado,
Logo aberta a Sessão foi declarada.
Que memoravel e estrondosa epocha
So da Prosapia dos Jumentos digna!
Era tal o barulho, e os couces tantos,
(Pois zurrar cada um primeiro qu'ria)
Que a não ser o chocalho do Asno negro,

E os zurros mestres do Sarmento Burro,
De Canning, Stuart, e de Palmella a Cria (7)
Morta ficara a conces, e a patadas.
Mas elle ser ouvido conseguindo,
Entre ventosas salvas, couces, zurros,
Elle orneja d'esta arte, e assim começa:
— « Faltam-me as expressões, amigos todos,
Inda a nossa fortuna crer não pósso!
Quem diria que agora aqui nos veriamos?
E que, aquelle que mais escouceámos,
Comnosco se portára de tal modo?
Sirva-vos pois de regra, meus amigos,
Que pouco, ou nada ganham Burros mansos:
O grande passo, que de certo démos,
Foi o Princ'pe encaixar na Confraria,
E, o fazer-lhe crer, que é formulario,
Que sem nós nada póde, e nada vale:
Muito o Anglo Govêrno fez ao caso;
Maiormente Stuart, e o grande Canning;
Tam habeis elles são, e tam politicos,
Que mal no Rio aquelle desembarca,
Logo a amiga do Principe procura:
Elle (como s'es'p'rava) trouxe tudo:
Os que ao Throno e Nação contrarios eram,
Na erecção do Govêrno entrá-los fez.
O Brainer do Conselho d'Estado é;
Igualmente os Heroes Candido, Abrantes,
O Trigoso; e o foi Silvestre, e Pámplona:
É n'isto que consiste a nossa dita,

E que se mostra da Sandice a fôrça:
Elles Rev'lucionarios todos são,
(Ou descontentes, como chama Canning)
Mas é uma tal gente que nos serve.
Cuidado não vos deem as duas Camaras;
Basbaque muito (bem sabeis) que ha na outra,
Que a casaca a voltar sempre estão prontos,
Hospedando mui bem os estrangeiros:
Se Francos entram, logo são bons Francos;
Se Inglezes, logo são seus Adjudantes:
A que nós aspirâmos, como aquelles,
É comer, putear, mandando á turba;
Pouco emporta aos Bretões obedeçâmos;
Se os bem servir-mos, pagos bem seremos:
Que importa que p'ra Queluz, ou Windsor,
Se transporte dos Lusos o dinheiro?
Nós somos os fiscaes, é quanto basta,
E o mundo ir deixemos como vai.
Conselheiro murmuram ser o Abrantes;
Mas, a meu ver, razão não teem p'ra isso:
Quem a trampa da Váccina inocúla,
P'ra d'Estado Cons'lheiro assás é apto;
Pois iguaes são Vaccina Trampa e Carta.
Irmãos da tratantisse e pedantismo,
Eis porque o Candido e Brainer tambem são.
Sem saber como, e so por rebemdita
Contribuiu, trabalhou mais que ninguem
P'ra a nossa restauração o Pamplona:
Os Delegados seus o despicaram,

Porto-Sancto, Barradas, e Lacerda;
Por isso paga boa ja tiveram,
Um chupando o ordenado por inteiro;
A corda, os outros, do cruzeiro tendo.
Para hoje melhor impor ao público,
Da macaquice o segredo temos,
Que é a um Bispo ter no Ministerio:
Com esta bugiganga e incoherencia,
Conseguir dous grandes fins pod'remos;
Um ao povo tirar desconfiança
Dos planos, que ha ja muito, meditâmos;
Outro pôr na Doctrina Sancta o Schisma,
E a Nação, desde então, ja preparar-mos
P'ra a mudança da Religião antiga;
Pois que *Revoluções* fazer sem isto,
Em frio ferro é malhar, perder o tempo.
O grande ponto, Socios meus queridos,
É da Sandice o parto ter vingado:
Um Padre ser Ministro da Justiça,
Isto é que se chama o supra-summo!
Porque, se outrora, os Francos, na Republica
Tinham Bispos e Abbades por Ministros,
Apóstatas, ao menos, elles eram;
E os nossos, bemque o sejam, não o mostram:
Por isso é maior philaucia e merito
Ja tres Bispos contar-mos na Justiça;
Bispos, que quando a Deus o culto fixam,
Da fazenda tambem dispoem, e vida;
Depois de consagrar, e antes, mandando

Ao proximo tirar os bens, e a vida:
Finura é esta que bem poucos vêem;
Finuras em que são Sandeus mui fortes:
Oxalá que o profano as não perceba,
Pois aliás tudo ao cu de Judas torna.
Canning, Ministro quer seja o Palmella:
Outrora, quando havia enthusiasmo,
Sería isto razão de nos oppormos;
Mas hoje, que o que qu'remos é comer,
Seja Ministro quem for, seja o Diabo:
A vez terceira é que Canning o pede,
E, a que no Ministerio entra, é a terceira;
É verdade que n'elle fe não temos,
Não so porque se oppoz no Rio a tudo,
Mas, porque foi por nós, depois, proscripto:
E visto que em Sessão secreta estamos,
Que vos traga á memoria será justo,
Quam pouco a este systema elle é affecto;
Que da volta depois de Villa-Franca,
Na Commissão a que elle presidia,
P'ra outra, se redigir, *Constituição*,
Fôra elle um dos que mais a isto se oppoz;
Resultando por fim seu despotismo:
Dominar foi a que elle aspirou sempre,
E, a superior não ter senão os Álbinos:
Certo é, que elle mais do que nós, inda
Compromettido se acha com o Infante,
E, que tudo fará, por ca não vê-lo;
Mas pensai que se obter não podér isto,

E souber que por fim governar vem,
Negociará com elle á custa nossa,
Afiançando Canning ficar impune,
No caso que Regente seja o Principe;
Isto, porque elle mesmo é boa prova
Da fraqueza dos Réis, e inconsequencia (8);
Portanto, bom será que em nós cuidemos,
E que, a carrilhos dous, tambem comâmos;
Um, teremos servindo em tudo a Canning,
E o outro, á Nação mui bem impondo:
Este o voto meu, Senhor Presidente. »
O que a Burrical Corja apoiando,
A Sessão adiaram p'ra outro dia.
D'aqui sahiu Sandice ás gargalhadas,
E a casa vai direita do Saldanha,
Que uns, diziam doente de uma sova;
Outros, fingida co' a invasão do *Chaves*:
Entrou no Gabinete, onde se achava
O Villa-Flor, e o gran' General Clinton,
E tambem c'o marido a Ingleza estava;
Em pe tudo se poz, sophá lhe deram;
Feitos os comprimentos de costume,
E empinadas um cento de garrafas,
C'um chicote na mão começou Clinton:
—« De correr as Provincias todas venho,
E o que no povo vi foi indiff'rença;
É por isso preciso intimidá-lo,
E fazer-lhe o que na India ja fizemos;
Nós não queremos dar-lhe o que não temos,

Mas queremos que um símulacro tenham
Que hoje julgâmos ser-nos muito util :
Se o povo , qual o nosso , respingar,
E pelas leis antigas insistir,
Faça-se o que em taes casos practicâmos ,
Matar cem ou duzentos individuos ,
E tudo logo foge e s'accommoda.
É preciso mudar o Ministerio,
E que, em tudo, do partido Inglez seja.
De M'nistro ja expulso vezes duas ,
Por servir, foi Palmella, a nossa causa :
Ha muito , co' elle , e os Souzas nós contâmos ;
Cumpre , e urgente é ja faze-lo vir,
E que , o Cunhado , va substituí-lo ;
Porque somente é co' esta familia
Que o Govêrno Inglez sabe intender-se;
Pois quem albardas faz , bem as sustenta :
Eu n'isto fallarei mesmo á Princeza;
De vossas Excellencias stou eu certo.»
Isto ouvindo , tal salva deu Sandice ,
Que desmaiada ficou a Ingleza toda ;
Porêm sendo levada para dentro,
Ergueu-se o Villa-Flor (9) e assim disse :
— « Eu sou do voto do General Clinton ;
É preciso servir-mos quem nos serve :
Eu a Londres ja fui , e ahi fiz saber
Que ninguem servirá como eu Inglezes,
Pois que assim sirvo a mim, e a minha pelle :
La saber fiz ao cumplice Palmella,

Que, aqui de modo algum, convinha o Infante;
Por bamburrio General hoje me acho,
E por influxo d'aquella que alli ves:
Digno me farei d'ella em todo o tempo.»
Mal acabado tinha a última phrase,
Foi tal a bufa que largou Sandice,
Qu' do Saldanha os bigodes se molharam,
E a Clinton embaciaram-se as dragonas,
Furacão todos crendo ser da Barra.
Foram, acabado isto, para o Paço,
E depois de fallarem á Regente,
Decretos, aos novos Membros, s'expediram;
Mas alguns, qu'inda á antiga, pensar qu'riam,
Ministro ser do Erario recusaram,
O que a Duarte Coelho off'recer foram.
Tal a tactica é dos Sandeus hoje
Nomear p'ra Ministros, Puritanos;
E quando isto acceitar elles não queiram,
Chamar então das Côrtes os serventes:
Bonifrates, alfim ter, é o plano,
Que, por quanto lhe mandam, tudo estejam.
  Esta nova levou Sandice logo
Ao das Parras Café, onde a aguardavam:
Victoria filhos meus! (ella lhes brada)
Nas palanganas, hoje, ponche quero;
Deputação va a Villa-Flor, e a Clinton
P'ra que ámanhã aqui receber venham
O *Diploma* que tanto elles merecem.
Ide agora pastar, vivei tranquillos,

Ja livres das Galés, vivei quaes Burros.
Se atrevido ainda algum surgir um dia,
Que vos queira albardar, junctai fucinhos,
Fazei praça vasia, e da garupa
Despedi-lhe incessante artilheria;
Couces nas Lettras, couces nas Sciencias:
Este o dever de verdadeiros Burros. »
Disse: atrás d'ella os Genios revoando
Foram cear c'os Conegos Regrantes.

FIM DO SEXTO E ULTIMO CANTO.

Notas.

CANTO I.

(1) Commandante da praça.

(2) O Stockler foi ao Brasil fazer todas as humiliações para obter o perdão da sua boa conducta em 1807; e não so foi elle o primeiro que foi ao encontro ao Junot a Sacavem em novembro de 1807 cumprimentá-lo por vir assolar Portugal; mas foi igualmente o orgão da muito leal Academia, repetindo o célebre elogio, que se teceu ao usurpador.

(3) Villa-Flor.

(4) Nome que se dava ao ministro Inglez Canning depois do famoso e revolucionario discurso que elle fez na Casa-dos-Communs a 12 de dezembro de 1826.

(5) O Ministro Canning era filho de uma actriz, e o pae ignoto.

CANTO II.

(P. 31, v. 23.) Esse livreiro é o baboso e soez Rey, o qual comprou ao Pamplona a casa

de campo que este possuía em *Pantin*, quando partiu a primeira vez para Portugal.

CANTO III.

(1) O Principe, hoje Imperador do Brasil, tirando na quinta de Sancta-Cruz em 1819 um dente postiço ao Lopes, que fazia de sevandija e bobo no Rio de Janeiro, e quebrando-o com uma pedra, este se poz a clamar, dizendo — « Que era um dente pelo qual tinha dado em Londres 30 guineos! »

(2) Benjamim Constancio, membro da Camara-dos-Deputados, e um dos corypheus do Liberalismo.

(3) O sotaina Abrantes mandou pôr no Jornal francez o *Constitucional* quanto aranzel ha imaginado, sahindo-se por fim com uma grande *Carta* dirigida a Sir W. A' Court, em que parêce fallar com carta branca da parte do público Portuguez. Desgraçado público com tal advogado! E como quer á fôrça ser Conselheiro d'Estado, nomeação que obteve no Serralho do Rio (repartição em que é assás forte) toda a sua azafama é querer mostrar que o Infante D. Miguel não póde ser regente, mandando outra *Carta* anonyma ao tal *Constitucional*, em que se sai com *dilemas* proprios da sua cabeça empoada: e o mais galante é,

que ao momento, que com *Monsieur Fritót* na mão, quer mostrar que a Regencia não póde pertencer ao Principe D. Miguel, (ja se sabe, porque não lhe faz conta) sabe-se em dizer — « que isto não é por falta de consideração e respeito que tenha ao Principe; pois quando elle estava abordo da nau Ingleza Windsor-Castle, lhe ia beijar todos os dias a mão. » Que tal o brejeiro! um tratante que se ia la, era mandado pela Facção e Irmandade para espiar o Principe no estado mesmo em que se achava!!!

CANTO IV.

(1) É de tal natureza a *Maçonaria* de Portugal, e tam differente d'aquella que se ve em Inglaterra, em Alemanha, e nos Estados-Unidos, que quando algum se acha em artigo de morte, se confessa de ser Mação, e entrega as insignias ao Confessor; dando com isto a intender que seguia uma seita contrária á Religião, aos costumes, e ao Estado; isto acaba de fazer o Marquez d'Engeja, e fez o ex-regente Souto-Maior em 1822.

CANTO V.

(1) Entre os *honrados* fidalgos que voluntariamente se alistaram para irem a França servir

Bonaparte, se notavam o Marquez de Valença, o Conde de Sabugal, o Visconde d'Assêca, e outros taes. Esses Campeões assim mesmo sem pessoa alguma fazer caso d'elles em Grenoble, diziam la — «Que ao menos no meio das privações que tinham, lhes fazia mais gôsto servir um heroe como Napoleão, que a um *basbaque!!!*»

(2) Ilha de San' Domingos.

CANTO VI.

(1) O escriba Brito, ex-ministro em Holanda, mas então residente em Paris, tinha composto uma Memória sôbre o *estérco*, e levando-a aos *collaboradores* dos *Annaes* para que estes a inserissem em um dos tomos da mesma Obra, respondeu-lhe o tratante Candido: — «Ja n'este volume vai a minha Memória sôbre as communas *innodoras*; a de V. S. ficará para o seguinte, porque aliás sería muita merda juncta.»

(2) O doctor Vicente, chamado hoje o *velho liberal*, é o que quiz dar conta d'El Rei em 1806, e da Monarchia em 1808.

(3) Ao Conde da Taipa se fez um Conselho de guerra pelo que elle desimava ao Regimento, que commandou; porêm o maior castigo que teve (como se costuma practicar em Portugal com esta boa gente) foi ser demettido do serviço.

(4) Expressão de que usou o Patriarcha Patricio no seu famoso discurso de 12 de fevereiro de 1827 : expressão que até os jornalistas Francezes sublinharam. Tal é a *litteratura* hoje dos nossos homens d'Estado! Tal a linguagem e os gallicismos dos Frades, que á fôrça de pôrem avantal se acham erectos em Cardeaes, Patriarchas, Ministros de Justiça, e Regedores!

(5) Tendo um sujeito, amigo do Bentencourt, contado-lhe as ventajens que tinha com um casamento, que ia contrahir com uma senhora muito rica, e sendo o dicto Bentencourt apresentado á tal senhora pelo seu amigo, aquelle cuidou em a seduzir, e casar com ella; com a qual conducta, melancholisado o sujeito, se metteu Frade.

(6) Bento Pereira do Carmo.

(7) A Carta do Canning.

(8) O actual Rei de Inglaterra nunca poude soffrer Jorge Canning, principalmente depois que elle quiz fazer de Conselheiro da Princeza Carolina sua espôsa: no em tanto depois (por intrigas e terrores) veio a ser seu primeiro Ministro! e diziam os falladores — « Que D. João VI era um fraco. » E que teem sido os outros?

(9) A anarchia que se ha visto em Portugal é, em grande parte, obra do Conde de Villa-

Flor pessoa das mais compromettidas, e
isso fazendo todo o esfôrço para encaixa
scena bonecos de que se serve para os seus
taes como um João Carlos de Saldanha
Marquez de Valença, um Candido, e ul
mente o bonifrate Conde da Ponte! Qu
nistros d'Estado não tem produzido a G
Isto é que constitue o Reinado da San
Que não rirão os estrangeiros em quant
Portuguezes chóram!!!

+++++++++++

Transcreve-se aqui fielmente o que se l
jornaes Inglezes *New Times*, e no *Courrier* d
de agosto. — « João Carlos de Saldanha, s
Pedreiro e favorito da Irmandade, fizeram t
os esforços nas *Lojas* para excitar o Povo en
favor; de maneira que a 24 de julho se fiz
postar muitos vadios, de que Lisboa abu
á porta do Intendente da Policia Bastos, da
se a cada um seis vintens, e aos rapazes
para gritarem contra o Intendente, e em f
do Saldanha!!! »

FIM.

PARIS. — NA OFFICINA DE RIGNOU
RUA DES FRANCS-BOURGEOIS-S.-MICHEL Nº